JORNAL DAS MOÇAS

ANNO 2 Nº 39
RIO 15 DE DEZEMBRO
1915
400 Rs.

FABIAN

Natal de 1915 ☆ ☆ Jesus e João Baptista

MISS LAWRENCE'S MAGAZINE

SOPRO-VIDA ACCUMULADOR-Nº 6

MISS LAWRENCE...

AS PASTILHAS RADIOGENICAS DO Dr. LAWRENCE

DEPURATOR DIGESTOR HYPNOR NERVICOR PALUDOR PULMINOR

CAIXA: 2$500 RS.

...E SUAS ENCOMENDAS...

PALMILHAS ELECTRICAS DO Dr. LAWRENCE PAR: 8$000 RS.

CHARMOL DO Dr. LAWRENCE CAIXA: 9$000 RS.

ANEL ELECTRICO DO Dr. LAWRENCE PREÇO: 5$000 RS.

ElECTRO-HOMŒOPATHY

CAIXA: 2$500 RS.

MASSAJOL DO Dr. LAWRENCE CAIXA: 3$000 RS.

RES, NON VERBA

PERFUMINA DO Dr. LAWRENCE VIDRO: 10$000 RS.

VIDRO: 5$000 RS.

Accumuladores Mentaes

Atrahem automaticamente do ambiente magnetico da Natureza, para a pessoa que os consagra ao seu uzo, os efluvios psychicos ou magneticos que dão a saude, o vigor potencial, o encanto da beleza ou formozura, o viço da perenne juventude, e a estima ou sympathia geral, a aura de boa sorte ou felicidade em tudo. Todos sem excepção—homens, senhoras e crianças—devem uzar os *Accumuladores Mentaes*; pois estes, assegurando o conforto na vida, fazem assim recuperar com grande lucro o seu custo. Não requerem sciencia na sua preparação; e esta se faz uma só vez para sempre. Tornam-se tanto mais fortes quanto mais uzo tivorem, e podem ser trazidos num pequeno bolso. *Preço de cada Accumulador (n. 5 ou n. 6), Trinta e tres mil réis.*

Os pedidos de fóra devem ser enviados com as importancias em vale postal ou carta de valor registrado a

LAWRENCE & C

— Rua da Assembléa, 45 — RIO DE JANEIRO

PURGATOL DO Dr. LAWRENCE CAIXA: 3$000 RS.

ARVORE DA SCIENCIA

OBRAS DO Dr. LAWRENCE: OCCULTISMO MAGNETISMO HYPNOTISMO CADA LIVRO. 10$000 RS.

Poder Occulto que protege e favorece em todos os negocios e emprehendimentos!

Tendes algum desejo que, apezar de vosso esforço, não conseguis ver realizado? Sois infeliz em vossa familia ou em vosso commercio? Necessitaes descobrir alguma cousa que vos preoccupa? Quereis fazer voltar para vossa companhia alguem que se tenha separado? Quereis curar alguem do vicio de bebida, jogo ou sensualismo? Alguma molestia do cerebro, nervosa ou qualquer outra? Destruir algum malefício? Alcançar bom emprego ou prosperidade? Facilitar algum casamento difficil ou alguma reconciliação? Fazer desapparecer alguma difficuldade? Empregae os **Accumuladores Mentaes** conforme as instrucções impressas que os acompanham, pois darão os resultados que desejaes alcançar.

Com os Accumuladores sereis effectivamente feliz e vivereis na abundancia, porque vosso desejo de boa sorte, devido á saturação dos vossos efluvios nervosos ao preparar os Accumuladores conforme o ensino do impresso que os acompanha, se formulará na atmosphera magnetica da terra, e nella ficará vitalizado pela vossa intenção, a maneira de torpedo espiritual que insinuará suggestivamente os acontecimentos por vós desejados. As pessoas sobre as quaes tivestes intenção de influenciar procederão a vosso favor desde então, como inspiradas pelo livre arbitrio dellas proprias; mas estarão de facto suggestionadas indirectamente por vós, e talvez mesmo sem mais estardes pensando no que desejastes. De muitas notabilidades que têm adquirido estes Accumuladores desde mais de doze annos, possuimos importantes attestados favoraveis, alguns dos quaes, cuja publicação foi expressamente autorizada têm sido publicados nos nossos 30 magazines illustrados. **Preço dos Accumuladores**—Um Accumulador sozinho, 33$000; os dous, por junto 66$000. Faz-se pelo mesmo preço a remessa pelo correio, com todas as instrucções impressas em portuguez. Se não tiverdes recursos para obter de prompto os dous Accumuladores, comprae um de cada vez; ou então comprae por 10$000 o livro **Ocultismo Pratico** do Dr. J. Lawrence, com o qual podeis muito obter, sem os Accumuladores.

Enviae mil réis de sêlos dentro de carta, e recebereis um Magazine completo

Os pedidos de fóra devem ser enviados com as importancias em vale postal ou carta de valor registrado a **LAWRENCE & C. - 45, Rua da Assembléa, 45 - Rio de Janeiro**

NATAL DOS TRISTES (*)

De uma casa visinha partira o canto alegre de creancinhas garrulas em torno da arvore tradiccional. Era tudo festivo e rumoroso.

Os scintillantes fócos das pequeninas velas multicores, presas ás hastes da arvore festiva, pareciam longinquas estrellas por sobre um verde céo primaveral.

Os dois pequenos chegaram á janella e gritaram para dentro:

— Olha, mamãe, tão bonito! Vem ver!

A mãe, pensativa, com passo tardo e arrastado, dirigio-se á janella e, com os braços abertos, aconchegou a si os filhinhos, vendo então na casa proxima o espectaculo risonho de muitas creanças agitando-se em torno de uma colossal arvore de natal, toda cheia de luzes e brinquedos. A' vista daquella scena infantil, seu coração confrangeu-se.

— Porque você não fez uma cousa assim para nós, mamãe?

Ella sentio de subito os olhos marejados de lagrimas, tal o enternecimento que lhe produziu aquella pergunta.

Curvou-se um instante sobre os pequenos e os osculou ardentemente, aconchegando-os cada vez mais ao seu seio, dizendo:

— Para o anno papae comprará uma arvore como aquella para vocês, com muitos brinquedos, sim?

— Mas nós queremos tambem uma porção daquellas velasinhas, sim, mamãe?

— Sim, meus filhinhos, papae comprará tudo.

Deixou a janella e foi sentar-se a uma cadeira á luz de um lampeão antigo que mal illuminava a sala de jantar. Na vespera haviam cortado a luz electrica por falta de pagamento.

Pairava uma tristeza indefinida por todo o aposento. Só de quando em quando é que uma exclamação de uma das creanças quebrava a mudez ambiente.

— Olha, mamãe, como aquella creança tira brinquedos da arvore!

Ella meditava, tristonha. Aquella alegria dos filhinhos, em face da festa das outras creanças, a enternecia até ás lagrimas.

Nunca a sua penuria fôra tão dolorosa. Por ella, não; pouco se lhe davam as festas. A longa falta de pagamento ao seu marido a habituara áquella triste contingencia de vida. Mas, o que a fazia chorar era aquelle pungentissimo espectaculo de ver os seus filhinhos mal vestidos, naquelle aposento mal illuminado, sem conforto, e sem que o pae lhes podesse trazer um simples brinquedo naquelle dia, e, para maior desolação de sua alma attribulada, vial-os agora como que tomando parte na alegria dos outros pequenos, que mal imaginavam estarem elles alli contemplando, em sua quasi indigencia, o rumoroso folguedo do seu Natal!

— Vem ver, mamãe, como aquella moça tira brinquedos da arvore para dar aos meninos!

Ella nada respondeu. Sustou de leve a scisma, ergueu a cabeça e olhou para fóra, consternada, encarando o pedaço de céo estrellado que apparecia pela janella em sua belleza tropical. Noite de festa por toda parte. Até o céo vinha com seu esplendor dar mais alegria áquella noite. No entanto, que avassalladora tristeza ia pelo seu coração! Uma raiva immensa pelos que assim contribuiam para o seu desconforto, subia-lhe á cabeça.

Para que Alberto não ia embora? Servir a um governo que não pagava aos seus auxiliares! Tornar-se o mais miseravel dos sêres quando havia trabalhado um anno inteiro sem que o Estado lhe pagasse um vintem! Iriam trabalhar noutra cousa. Pelo menos não estariam alli á mercê de uma falaz e indefinida illusão de emprestimos e pagamento! Ter de passar o natal e o *anno bom* sem um brinquedo para os seus filhinhos, sem uma hora de regosijo para o seu lar, alli mettidos como numa cella de condemnados, e, para cumulo de suas angustias, ter de assistir alli, de seu lar em penuria, á luz mortiça daquelle lampião antigo, á festa dos outros, á alegria ruidosa dos felizes da sorte!

— Olha, mamãe, estão apagando as velasinhas todas; para que é?

— Para accenderem amanhã, meus filhinhos.

— Mas amanhã, tem mais festa, mamãe?

— Tem, sim, meus filhinhos.

— Então papae póde comprar amanhã para nós uma arvore assim.

A mãe calou-se, cada vez mais compungida. Aquella scena a torturava.

Fincou os cotovellos na mesa de jantar, poz a fronte sobre as mãos espalmadas e começou a chorar de mansinho.

A casa visinha havia-se fechado.

Havia lá fóra apenas a luz esbranquiçada do poste electrico e o brando fulgor do céo cheio de estrellas. As creancinhas tinham sahido da janella e conversavam a um canto a proposito do que elles tinham visto na arvore de natal.

— Que bom quando papae trouxer para nós, hein? disse um.

— Mas nós não accenderemos as velas todas, não; não é? Guardaremos algumas para o outro dia. Aquelles papeisinhos enrolados que estavam na arvore nós tiraremos para dar á mamãe, não é? disse o outro.

— E' sim, respondeu o primeiro.

Calaram-se. A mãe continuava a chorar.

A cidade tinha cahido num profundo silencio. Só de tempos a tempos é que se ouvia o apito do guarda-nocturno. Passado algum tempo, ouvio-se o rumor de passos e alguem bater á porta. As creanças ergueram-se de chofre, bateram de leve no hombro della, dizendo:

— Mamãe, ó mamãe, papae está batendo.

Ella levantou-se, enxugando os olhos e foi abrir a porta.

Quando o marido entrou, estranhou que estivessem ainda acordados. Ella explicara que os meninos estiveram a divertir-se com a arvore de natal da casa visinha.

— A proposito: não ouviste dizer nada sobre pagamento?

— Qual, filha. Dizem que o judeu não chegou a um accordo.

Ella, como desabafo ao seu pezar, exclamou:

— Judeus são todos elles, meu velho. Vamos dormir.

RICARDO BARBOSA

(*) Conto escripto a proposito da penuria que ia por certo Estado da Federação cujo funccionalismo estava em atrazo de seus vencimentos havia mais de anno e cujo governo andára em conchavo com certo judeu para um emprestimo a typo e juros da hora da morte.

O NATAL DE JESUS

PROFUNDO silencio no mysterio impenetravel da noite. Sómente a grande estrella a brilhar, a brilhar numa caverna azul lá para as bandas do Oriente, sobre uma larga faixa de purpura brilhante.

Que extraordinario deliquio nos astros, que socego na Natureza inteira, plena de encantos, cheia de magia, desmaiada á luz branca do luar nessa noite eternamente bella! Que suavidade no passar das brisas que semeiam no solo, as flores azues do céo. Serenidade immenssa, paz no espaço infinito, quietação na terra adormecida!

....

Meia-noite! Estrellas que rolam em profusas scintillações, a téla azul que se rasga ao meio, deixando cahir sobre a terra uma chuva de petalas de rosas, brancas como as faces de Jesus, rubras como os seus sacrosantos olhos.

Nascera quelle que mais tarde, no Golgotha infame elevado á sublimidade, sobre o duro lenho de uma cruz, ia mostrar o immenso e sagrado amor que dedicava aos pobres peccadores; aquelle sobre quem — na divina apotheose da dôr — devia recahir todos os crimes perversos da humanidade, apagando com a sua morte as nodoas infamantes de um povo cruel e deshumano.

O pallido Jesus nascera: o immaculo cordeiro estava prompto para o sacrificio, com os olhos abertos irradiando toda a bondade da sua branca alma de arminho.

Que reis tiveram mais pompas no seu nascimento, que o filho da santa virgem Maria, a estrella do céo, a rosa de Jerichó, o lyrio bemdito e sacrosanto, de cujas petalas immaculadas evolava-se o suave aroma da pureza e bondade?!

Certo nenhum; porque no nascimento dos reis o céo não se rasga deixando cahir do seu seio turbilhões de rosas; os anjos não cantam hosannas glorificando-os; as flores não se abrem viçosas e frescas, como que tocadas por divino effluvio, nem uma opala com tanta intensidade

brilha, como quando annunciava o Natal de Christo o Redemptor do mundo!

....

Meigo Jesus, Homem Deus que morreste entre os mais horriveis supplicios para nos remir e salvar; derrama no coração da humanidade inteira, que hoje — reconhecido o erro passado — se prosta a teus pés humilde e reverente, o balsamo bemdito da consolação, a doce esmola de um teu olhar, transmittido no brilho suave de uma loira estrella. E, á pallida luz da lua, diremos nessa branca noite de Natal, eternamente bella, erguendo os olhos ao céo na esperança de encontrar esse raio do teu sublime coração:

— Gloria a Deús lá nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade!

ALICE ALMEIDA

Natal na Aldeia

A' João Costa Ouro

... Dezembro... é o mez consagrado ao nascimento do Messias; o sol rubro abrazador espalha suas scintillações, por toda a vastidão do firmamento; as flores e os campos, ainda com os rebentos das manhãs primaveris, parecem mais lindas e encantadores, tudo é bello, e é um mez tradicional; é mez em que todos fógem do rebuliço da cidade, para descansar nas aldeias as fadigas das Avenidas.

....

Vespera do natal; — a lua, como rainha dos astros, espalha por sobre a terra os seus raios prateados, que embellezam o panorama da aldeia, a dormir embalsamada pela brisa susurrante. — E alta noite, o som fanhoso do sino duma velha ermida, chama, em compassadas badaladas, o srusticos camponios, para a missa, que está prestes a ser celebrada...

....

Dia de natal; — as cabanas, em rumorosas festas, não apresentam o aspecto lugubre de outr'ora; a viola e o samba fazem-se ouvir continuadamente; ao longe, echôa a vozeria dos homens, que, em regosijo pelo santo dia de natal, o celebram alegremente...

....

Natal, — não ha festa que se compare como a da aldeia, ella é festejada com o mesmo enthusiasmo e animação, desde a simples choça do lenhador até á simples e poetica choupana do camponez; e na cidade? não ha de ser o rebuliço das ruas, os passeios nas avenidas e o fôn-fônar dos automoveis, em demanda das bandas do Leme e Copacabana, ella passa na mesma insipidez, como se não estivessemos em pleno natal.

Dezembro de 1915. J. MACEIÓ.

Cartas da roça

Piancó, 15 de Outubro de 1915.

Amigo e Sr. redatô do *Jorná das Moças.*

Mais antes do que tudo, seja Deos cervido que estas mar traçadas linhas vá encontrá V. S. mais as môças todas do seu jorná, no goso da mais prefeita saúde.

Venho tratá com V. S., de um negóço que está dando que imajiná a gente aqui do lugá, e que é perciso no emquanto antes, torná bem litico, para móde evitá certos arreparos e inté certa malinidade, que já vae desconjuntando a paz sociá das famias do lugá, que são tudo gente muito de bem.

Me arrefiro ao negóço da tá móda das çaias curtas que as môças uza agóra, pru riba das botinas benadejando quaje pelos jueios.

Será puçive semeante despreposito?

O cauzo acontecido aqui, foi o subcequente que se cégue.

A Ritóca, fia do curuné Necreto Truvuada chegou da capitá da Preiba e foi na novena do glorioso Sinhô S. João Batista das Lage, cum uma das supra ditas çaia de arpaca verde muito curtinha por riba dos cano das botina de mirinó azú, cum uma róda pur aculá que parecia inté, mar cumparando, um pinhão de cabeça pra baixo, e que quando ella andava se remexendo toda que nem gibóia açanhada, lhe açubia pelas pernas inté emriba dos jueios, que éra um horrô que não pudia se vê. A gente toda se arvoroçou cum a nuvidade e fôro inté se queiçá ao pai della, que lógo no incontinente impruhibio a fia de vesti mais seméante çaia.

Tóta Cheiroso, que é um rapaz bastante distruido, e que inté já esteve ahi no Rio de uma feita que elle foi levá a seu moncinhô Varfredo Leá uma matrutage de carne ceca que seo doutô Felizardo lhe mandou daqui, dixe pra quem quizéce uvi, que aquillo éra um excécio de exagero da Ritóca pra móde se pençá que ella entendia das móda. Os vestido cumo dixe elle, são mais curto é verdade, mais açobe somentes um meio parmo pra riba do rageito dos pézes e nem se anda arrebolando com aquelle dezespero cuma se ella andace cum argum princez.

Tá nas portas as festa do Natá que premete de serem muito boas e nós querendo nos apresentá diente do pôvo da capitá, cuma gente decente. Pur iço peço a V. S. que me mande os mórde das móda, tal o quá cumo se deve de uzá, dentro dos limite das pócias de cada um.

Si não óvesse tanta cêca havéra de vi, mais havéra de sê, a musga da puliça qui tá bôa mêmo e tem bumba, prato, caixa e um horrô de instrumentá, tanto de madeira cumo de metá.

Aqui fica para o cervi o amigo véio

CHICO TABOCA

Note bem. — Bilinha muito se arrecumenda a V. S. e as moça todas de sua foia.

O mesmo CHICO TABOCA.

Bilhetes Postaes

Para Iaalina Ribeiro

O teu coração é o jardim onde eu cultivo com todo o carinho o acre-doce botão da saudade! e por mais cuidado que eu tenha para colhel-o sinto-o desabrochar, e em cada petala vejo o benigno consolo de uma esperança.

S. M.

A' graciosa senhorita Dolores D.

O Amor é uma estrella luminosa e refulgente, engastada na immensidade azulina da Illusão, destinada a guiar-nos ao templo da Paixão, em cujo caminho, entretanto, desabrocham sempre, flores bellas e perfumosas, mas tambem envenenadoras e até mortaes.

P. Timotheo

A meu irmão Antonio

Esperança! Doce e sagrado refugio dos que soffrem, dos que lutam, dos que vivem sob o peso de grandes amarguras. Nesga do céo azul que se nos depara no meio das tempestades da vida, estrella que nos guia, pharol que nos ensina o caminho neste oceano agitado da existencia,

Laranjeiras, 5-9-915 Anibal Neves

Ao E. Goulart

Amar com sinceridade é tão difficil para os corações voluveis, quão nobre e sublime para os que são formados de sentimentos religiosos, que sabem agradecer e retribuir com igual affecto.

D. A.

A ella, que me entende

Invejas-me? pois lastimo-te! Quizera viver eternamente abandonada nas trevas do analphabetismo á possuir a intelligencia que tão desgraçada me faz! Sendo analphabeta — quem sabe? talvez fosse mais feliz.

Elza G. Nascimento.

Botafogo.

Rebsur

Teus olhos têm tanta belleza, tanta fascinação que não ha no mundo quem os vejas, sem ficar escravisado.

Azul é o céo, azul é o manto de Maria, e azues... são os teus olhos!

E como o meu ideal, são uns lindos olhos azues, quero que os meus se percam na luz divina dos olhos teus.

Lanat.

S. Christovão.

Ao P. C. S.

A incerteza é o grande martyrio que soffro, pois te consagro um amor sincero mas vivo em mar de angustias por falta de confiança.

Eulina M. B.

M. F. Araujo

Como é triste quando si está longe da pessoa amada; eu quizera poder ver-te a todo instante!

Si soubesses o quanto soffre o meu pobre coração, não fazias soffrer, aquella que morre por ti! Como é penosa uma saudade! só os corações que amam é que podem avaliar!...

Dhalhia Encarnada.

A senhorita Filhinha

O desprezo que sentimos por alguem é causado por nosso orgulho, ás vezes, a quem desprezamos, é uma pessoa honesta e possuindo todas as bôas qualidades, as quaes revelam-se com a maior simplicidade.

H. F. L.

Ao tenente Rosalvo

Não me encares assim como tu fazes
Com esse teu sorriso encantador,
Pois esses modos teus são bem capazes
De matar-me de amor,

O teu olhar tão lucido e tão doce
Anda a attrahir o coração da gente,
E' como um iman que pr'a sempre fosse
Arrastando os meus sonhos na corrente.

Nina.

Nictheroy, 30 — 11 — 915.

A' alguem

Em sete cordas afino
Da minh'alma a melodia:
Seis dellas são de tristeza,
Uma só para a alegria

Antonio Corrêa Bastos.

A' Iracema

O amor é o breve marulhar de ternas illusões... e a esperança nos alimenta a alma, nos conforta o coração dilacerado...

Carlos.

A' C.

Já ha muito não sentia o pulsar de meu pobre coração, e nem ouvia palavras de carinho, ou expressões de affecto, mas, toda aquella eloquencia, veio-me trazer os mais sentidos e vehementes amores! Jámais de ti, me esquecerei!...

S.

A intelligente senhorita Philomena Mattos

A instrucção é o brilhante mais valoroso que a mulher deve desejar adquirir. Mais flammejante do que a propria luz, mais refulgente do que o ouro, a Instrucção é, incontestavelmente, o mais bello adorno com que a mulher deve enfeitar-se, visto como é ella um dote superior a todas as riquezas materiaes, um patrimonio indestructivel, a mais grandiosa conquista de Psyché.

P. Thimotheo.

Juiz de Fóra, em 7 de outubro de 915.

A'...

Quando uma mulher nos deixou de amar, o que é infinitamente triste e por demais cruel, é sabermol-a esquecendo-nos lentamente, sorrateiramente, feliz e radiante agora, ao lado de um outro, murmurando-lhe talvez, as mesmas phrases que nos disse, sem um remorso, sem um espinho que lhe fira o coração...

E. L.

Januaria — 10 — 915.

A' amiga Santinha

Esperança — assim como ao desabar da tempestade, o marujo procura abrigo na providencia divina, nós, ao sermos açoitados pelos vendavaes da sorte, procuramos asylar-nos sob a tua benefica protecção, oh! bemfazeja Esperança.

Leonor M. Martins.

A' Dagmar

Um amor verdadeiro, é preferivel occultar no intimo do coração, a declarar a quem jámais o saberá corresponder.

Lourdes.

A mlle. Olga

Assim como a esperança suavisa as amarguras, no infortunio; assim teu meigo e doce olhar prediz-me, a terna esperança de um dia ser venturoso ao lado teu.

K. Millo.

Para a Isaura

A primeira vez que vi teus olhos de azeviche, senti trucidar-me a alma uma sympathia casta como a dor. A segunda vez, senti a imminencia do amor, e, a terceira vez, senti essa extranha convulsão moral de quem ama, e amei-te e amo-te, como se ama uma só vez na vida.

Adeus. Acceita saudades do

Octavio.

Rio, 2 — 12 — 1915.

Ao meu algoz Dr. C.

Amo-te criminosamente... E's a visão tentadora que me persegue em toda parte, E's o « genio máo » sob a fórma de homem que não tem piedade de mim, de mim que ao deparar com um olhar teu curva-se submissa qual martyr da Fé.

Um olhar teu basta para suavisar todas as dores atrozes de um padecer interminavel!

Sinto-me fraca ante a pujança mascula desse soffrimenlo que guardo com todo carinho.

Demais, não costumo arrepender-me do que faço e não me acho arrependida. Caiam, pois, todas as desventuras sobre minha cabeça. Peço a Deus, porém, forças para esquecer-te. Acaso resignar-me-ei, com o esquecimento?

Qual! Posso occultar-me ás vistas... Isso seria um sacrificio superior ás minhas forças, supportarei resignada — mas esquecer-te oh! isso nunca, nunca!

G...

A quem eu amo

O meu coração carece tanto do teu amor, como a creança carece dos cuidados maternos, a arvore da seiva, a flor do raio do sol!...

Hylda Thompson P. Leite.

Paracamby.

A' Eponina Vital de Oliveira

A' noite, quando a rainha dos astros desdobra seu manto prateado sobre a terra, minha alma vôa para as ethéreas regiões do desconhecido e lá escondida entre as myriades de estrellas brilhantes espreita tua vivenda encantadora, onde ao lado daquelle a quem amas te sentes feliz, emquanto eu com o coração sangrado pela setta cruel da saudade, lamento a ausencia prolongada e obrigatoria do ente que mais amo neste mundo!...

Estrella d'Alva.

Ao Exmo. Sr. F. Perlingeiro

A bondade é uma flor mimosa e delicada, que só nasce em uma alma bem formada...

Santuza.

A' alguem

O que me tem feito viver é este sentimento mixto de dôr e de prazer, da esperança e da descrença, que se denomina — Saudade.

Zaida Silva.

A' alguem

Porque vieste despertar a esperança que devia durmir eternamente no meu coração? Não sabes quanto soffro para adormecel-a novamente?!

Devo antes deixal-a morrer no abandono em que vive. E morta emfim no jazigo eterno de meu peito, terá junto de si as lagrimas constantes da saudade.

Azahar.

Sem esperança

A' ti

De ser feliz eu não tenho
Uma pequena esperança!
Apezar de me dizerem,
— Quem espera sempre alcança.

Alcançar eu só quizera
Teu amor unicamente,
Para me julgar feliz
Bem feliz eternamente!

Violeta.

A' alguem

Quando visitares o campo santo, não te esqueças de contemplar com respeito, o negro tumulo onde jaz o cadaver do meu affecto.

Para Ruth Corimbaba

Jámais creias num homem, pois que elle é tão desprezivel e odioso quanto Satanaz.

Léa d'Arey.

Rio, 1915.

Lina

Fé — inseparavel dote que predomina em meu coração, mórmente agora, quando a casualidade fez, com que eu encontrasse outro de igual dom, para eternamente unidos, viverem mutuamente, passando as delicias ou os dissabores da terra.

Lino.

A' Ypinha

Recordas-te ainda daquella tarde formosa em que te vi?

Passavas distrahida, em busca, talvez, de alguem a quem teu rosto seductor, impressionara, despertando as paixões que teus olhos attrahentes sabem conquistar, e eu arrastado por uma força terrivel, por esse teu olhar dominador, cahi nas malhas, dos teus encantos...

Hoje tento desprender-me mas é em vão, quanto maior é o meu esforço, mais se avoluma em meu peito, a vontade de viver para te amar ou morrer vencido pelas desillusões e pelo soffrimento.

Reconheço hoje ser falsa a promessa que fizeste, naquella inebriante cartinha que como reliquia guardo e cujas palavras se gravaram em minha mente.

Sei que só terá descanço minh'alma, das torturas de teu amor mystico, no dia em que deixar de viver e sentir pulsar dentro do peito o meu coração que só palpita por ti.

Peço-te só que não te esqueças de mim e deste amor que é como um sonho suave de madrugada risonha.

Juca Sá.

6 — 12 — 915.

Ao Nhi-Nhi

Esquecer-me de ti, nunca. E' ingratidão tua julgar-me perjura.

Bem sabes que sómente a ti dedico um puro e eterno amor.

Annitinha.

Recordação

Por estas tardes d'aurea primavera
Emquanto alegres desabrocham flores...
Eu me recordo, então, dos meus amores,
Triste recordo da infantil chiméra!

Pois vêm-me a idéa as illusões de outr'ora
Em que fitando alegre a minha amada,
Via descer a noite perfumada
Nas negras tranças da formosa *Dóra!*

Zernair Aguiar.

Laranjeiras.

A' quem amo

Já viste a rosa fanada
Numa manhã de verão
Do colibri, desprezada
Pendida varrendo o chão,
Das petalas meio, despida
E pelo tufão varrida
Cahir do pé, fenecer?
Pois bem, eu sou como a flor:
Moreno, sem teu amor
Prefiro antes morrer!...

Estrella d'Alva.

Rio — 23 — 11 — 915.

Ao primo Chiquinho.

Amar sem esperança é viver martyrisado, é trazer o coração esphacelado, sem goso, sem prazer, sem alegria.

Mariano Gampos.

Madureira.

Ao intelligente Rodolpho Sá Earp

A sinceridade é um sentimento tão sublime que só nasce no magnanimo coração de... Rodolpho Sá Earp.

Urze.

A quem amo

No meu pensamento está gravada tua imagem e no meu coração escripto em letras d'oiro teu adorado nome!

Leonidia C.

S. Christovão.

A' Irene (Beta)

O amor é o agudo e causticante espinho que martyrisa o coração e dilacera a vida!

O amor faz da vida terrivel pesadello e da terra abrasador inferno, emquanto o desprezo zomba do coração que pelo amor se deixa esvair.

Principe Ante.

S. Christovão — 16 — 9 — — 915.

*A' ****

Este riso que vês aflorar em meus labios, é o riso hypocrita da dôr que occulto n'alma; é a lagrima representada nos labios.

Colares.

Para ser comprehendido por uma lourinha professora

A timidez na mulher, si não é a cobertura de um caracter ficticio, é a qualidade suprema de um coração sem igual.

E. F. A.

Tijuca, 21 — 11 — 915.

ANNO II RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO DE 1915 NUM. 39

Jornal das Moças

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Expediente

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS
Anno . . . 10$000 — Semestre . . 6$000
Pagamento adeantado

Numero avulso 400 réis e nos Estados 500 réis

Director-proprietario F. A. Pereira

Os originaes enviados á redacção não serão restituidos. As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro.

Redacção e administração: Rua da Assembléa 47, sobrado — Caixa postal 421

CHRONICA

NATAL!

Em meio da tormentosa e sombria visão de morte que avassala o mundo, por entre as ondas frementes dessa caudal de sangue que innunda, como numa vasta, infinita illuminura rubra, os campos, valles, encostas, serras e cordilheiras do territorio europeu, esse repique festivo de sinos das ermidas solitarias, annunciando o Natal, echôa como piedosa oblata, mais fervorosa neste instante, dos que puderam escapar á guerra e dirigem agora os olhos supplices para essa altura incommensuravel onde a fé suppõe haja um Deus de infinita bondade para curar as dores humanas, a supplicar piedade!

Por entre as crueis, inenarraveis torturas que este presente sinistro, cheio dos mais horriveis sonhos de loucura assassina, está accumulando, como num tredo e diabolico pensamento de luxuria inquisitorial, as festivas cerimonias do Natal vão surgir, neste anno, por entre os povos de grande parte do planeta, como tristes e melancolicas litanias, ouvidas por entre soluços, á memoria dos que se finaram pela Patria, ou de saudade pelos que empenham a vida nessa luta selvagem, em que o dominio da civilisação parece ter sido relegado ás épocas guerreiras da barbaria.

Por entre as queixas e as supplicas dos que se sentem morrer de fome, nessa guerra não menos malsinada nem menos assoladora, que a miseria está empenhando contra uma consideravel parte da população do globo, mercê desses nefandos encontros mortiferos de colossaes massas de milhões de homens, num louco pensamento de mutua e céga destruição, a mais grata festa ao coração da christandade, o mais alacre movimento da alma collectiva dos povos, unidos pela mesma crença, oriunda do verbo consolador do bello pregoeiro de Genesareth, vae surgir dentro em pouco, embalada por uma tristeza universal, em que a figura do divino pastor das almas simples não passará certamente como o eterno consolador de creanças pobres, mas tão somente como piedoso e celeste sacerdote, a pontificar, como nas feralias antigas, por entre immenso côro de angustiosas lamentações.

Nas esconsas, humildes choupanas, onde o coração do camponez se abre sempre ao festivo surto da grata commemoração do natalicio do Deus-menino, hoje, sem duvida, os rumores dessa festividade tão risonha e tão suggestiva, pela tradição de humildade de que se reveste a primeira etapa da existencia do louro Nazareno, não despertarão como, nos annos anteriores, o mesmo fervor, o mesmo alegre e intimo regosijo, porque em quasi todos esses tugurios de pobres, espalhados pela superficie terraquea, existe hoje uma morte a prantear, uma dura necessidade a sentir, uma ausencia a lamentar.

As meigas creaturinhas, as rosadas e lindas creanças, nascidas para o enlevo dos paes, não se lembrarão de certo, nos seus sonhos de innocencia e de pureza, de invocar hoje a figura do velho entregador de brinquedos que, nas noites de Natal, desce dos telhados para encher-lhes os tamancos das gratas offerendas com que o Meigo Jesus as presenteia nessas noites felizes.

O pensamento dessas avesinhas humanas, orphãs sem duvida do carinho do pae, que morreu pela fome ou pelo obuz, ou que anda perdido pelos atalhos ou pelas trincheiras, por entre o fumo da metralha ou do gaz asphyxiante, não se prende agora a esse frivolo desejo de uma boneca ou de outra prenda qualquer, mas a esse constante anceio de ter ao seu lado aquelles que lhes deram o sêr ou que mais ligados vivem aos seus corações amantissimos.

Quanto não dariam de suas almas limpidas e transparentes essas creaturas adoradas para que o mensageiro do celeste pastor, ao envez das offertas de todos os annos,

Senhorita Carmelita Leal — Bello Horizonte

lhes trouxesse agora o socego para os seus lares e aquelles que estão ausentes para o aconchego de sua infantil e divina ternura!

Pois será possivel que o Natal amigo, com as fanfarras rumorosas e cheias de acalentadores sonhos de alegre felicidade, que faz lembrar a sonoridade de seu nome e a evocação de sua idéa da encarnação de um deus salvador, passe este anno pela terra sem um fremito de intenso jubilo pelas almas dos que tanto se habituaram a reverenciar esssa magna data do culto catholico?

Ah! Jesus, que a messe infinita de teus dons, que a sementeira profusa de teus bens, que a piedade suprema que sempre agasalhaste em teu coração tão santo, caiam este anno sobre a terra em maior profusão ainda, principalmente sobre as almas dos que soffrem os horrores da cegueira dos homens e mesmo sobre o cerebro dos que se deixaram dominar pelo espirito demoniaco de uma ambição sem freios, para que com esses teus dons, com esses teus bens, possam, como no côro dos pastores, emquanto o anjo annunciava a tua vinda ao seio dos afflictos, viver na terra os homens em paz e de boa vontade.

PAGINAS DA ALMA

Sibila o vento la fóra; nem um rumor siquer...

Tudo repousa nas azas diaphanas do sonho que embala os corações adormecidos e cheios de esperança. E' a maga phantasia, o grande ideal das almas scismadoras — o sonho!

Felizes os que podem esquecer as miserias da vida neste estado de utopia e gozar as illusões do amor!

Eu que nunca me soube fazer amar, e que na perigrinação da existencia por um caminho tortuoso e arido, só tenho conhecido o insoffrivel desengano, nunca pude sonhar!

Noites inteiras, na solidão de meu quarto, velo este templo grandioso que adormece, feliz, no seu epithalamo de mysticas diaphaneidades — a natureza; e, seguindo o trajecto da lua, na curva, do horizonte, pelos caixilhos da janella, vejo-a pouco a pouco empallidecer e sumir-se nas nuvens opalinas.

Quantas lembranças do passado me evocam no pensamento essas horas de agonia! Procuro desvanecer na contemplação das Grandezas Infinitas, em vão, a angustia augmenta e o germen da saudade perdura á sombra de uma recordação immortal — O ente que amei, que amo e que amarei eternamente!...

Rasgando-me, assim, as fibras, uma a uma, a saudade, consoladora dos que soffrem, evola-se-me a esperança num suspiro áquelle que não volta, mas que me ouve na languidez do meu canto de agonia.

Amar! Onde existe esta mentira concordada no poema das conveniencias; esta loucura escripturada, apenas, na prosa dos dotes; este sentimento hybrido de calculos que leva a trahição junto do altar e a desillusão á pureza! E' uma phantasia! E' uma volupia que occulta a sã verdade creada por Deus — não existe!

Era a palavra com que na Renascença, este periodo do seculo XVI em que as artes e as lettras resurgiram das trevas sob o patrocinio do grande e immortal Francisco I, rei da querida França, cujo sangue me corre pelas veias, com que adoçaram todos os soffrimentos e que agora justifica todas as perturbações sociaes.

O amor, este sentimento doce que desde a Roma impura, constitue o emblema das maiores aspirações, para mim, nasce da extravasão do affecto no sonho rosicler.

E' nada mais que um olhar fundo, perturbante pondo em contacto as auras de dois espiritos.

No emtanto o que existe por ahi, na maior parte dos homens e que infelizmente chamam amor, é o despreso de tudo quanto é nobre desde a concepção de mãe, com todo o seu sequito de abnegação, á infamia com todas as consequencias do egoismo a triumphar.

Amor é hoje uma palavra archaica, degenerada, decadente, palavra de que se envergonham de pronunciar os labios juvenis do seculo XX, que caminham impuros á mesa da communhão dos sentimentos nobres que formam o caracter. Estas pessoas, ao meu ver, fazem uma especie de viagem forçada atravez de um mundo que lhes não pertence, com o escarneo estampado no rosto e o desanimo no coração.

São presidiarios da vida, anciosos pelo momento de libertação, não amam, não podem amar.

São destinados a tropeçar no ramo de cada esperança para nellas sorver o fel da dôr.

Cambaleando aqui, encontram os olhos seductores de uma trigueira que os prendem; esbarrando alli, topam as fórmas gregas, na perfeição do talhe, de uma mulher ardente que os arrebata; mais além o sorriso triumphal de uma dominadora, escrava da sua phantasia, que os esmaga; distante o perfume de um beijo que lhes envenena os labios ou um amor sincero que os escravisa e a que elles desprezam pela risada do nescio ou do imbecil, que o procura afastar na voz do preconceito, lançando-os no abysmo da descrença, onde, finalmente, os tragam as peiores e mais crueis decepções.

Eis porque não existe amor no coração da mocidade e porque me sinto incapaz de me fazer amar.

HELENA D. NOGUEIRA

NÃO DESEJA SER MULHER...

LOGO depois de havermos trocado os primeiros cumprimentos e de tocarmos num ou noutro assumpto banal, a minha linda amiguinha Heloisa encarou-me com doce languidez de olhar e perguntou-me sem muitos atalhos:

— Gostarias de ser mulher?

— Estás doida? respondi eu.

Si eu fosse mulher, levaria toda a minha vida a chorar, accrescentei a sorrir.

— E terias razão, continuou ella. Não imaginas que de torturas soffro por me vêr emparedada neste vestido, tendo ainda por sobrecarga saias, collete, corpinho, ligas, um horror emfim. E, para coroar toda esta tormentosa existencia, nenhuma liberdade.

« Vive-se á mercê dos outros.

Ah! que vontade eu tinha de socar-me nos botequins, de pernas trançadas, fumando o meu cigarro, implicando com quem me passasse ao alcance da mão, sahindo dalli para o theatro, voltando para casa á hora que entendesse!

A's vezes peço ao meu irmão Luiz: — O' Lulú, saes hoje commigo a passeio? — Não me amolle! é a resposta, tenho mais que fazer do que andar acompanhando mulheres!

Falo ao mano Eduardo. Si a resposta não é a mesma, é ainda peior. Só papae ou mamãe é que saem com a gente. Mas tambem sabes o que é uma moça seguida por seus paes. E' como si andasse presa pelas ruas, á vista de seus algozes. Não se póde brincar, não se póde rir e tem-se de ir onde elles entendem.

Si se manifesta desejo de visitar esta ou aquella casa de diversão, dizem logo: Não senhora, isto é feio. Não faltava mais nada que uma moça andar ou entrar em taes logares! E dahi uma meia hora pelo menos de sermão sobre moral.

Si estamos em casa, é preciso que estejamos de certo modo, falarmos ás visitas de tal maneira, que procedamos, finalmente, como automatos, como si fossemos bonecas, do contrario, o povo fala, o mundo faz reparos, o diabo emfim. Parece que os presos da cadeia gosam de mais liberdade do que nós!

Si gostamos de algum moço, assim que elle chega, lá surge a velha ou o velho, rodeia-nos, espia-nos, investiga-nos inquisitorialmente com os seus olhares, prestando attenção aos nossos menores gestos. Só se fala formalmente a fingir. Diz-se tudo, menos o que se queria dizer, o que sentimos dentro de nós mesmas, o que anda a gritar pelo nosso coração.

Ha occasiões em que tenho vontade de sahir para a rua, a gritar, como louca, que me deixem e não me assassinem.

Si se tem uma amiga intima, é fatal ouvir-se de um ou outro velho: Olha, menina, esta moça não é grande cousa. Tem este ou aquelle defeito. Não serve para tua amiga. Não é filha de gente que se preza.

— Mas que diabo faz ella? pergunto eu.

— Não se porta com decencia, é muito estouvada, muito risonha, leva a bulir com quem passa, não se dá ao respeito. A sua amisade não te convêm.

Eu chego a chorar, pois era a unica amisade que me convinha e que eu desejava, porque só ella me dava idéa da vida. Que raiva de ser mulher.

Meus irmãos fazem o que entendem, nunca dão satisfação de seus actos, os velhos passam-lhe â mão por cima. Quanto a mim nem posso chegar á janella. Vivo como doente de cuidado a quem o medico aconselha tudo o que deve fazer, do que deve alimentar-se, si deve falar ou não, do que deve abster-se si deve sahir ou não.

Não ha um livro que venha ás mãos que a velha não queira saber do que trata, qual o seu autor, quem me o deu ou emprestou. Em conclusão, vivo como num convento. Tudo porque? Por ser mulher! E dizem os que nos querem adular e captar a nossa estima, que já attingimos o mais alto grão da civilisação, só porque a mulher continúa a ser escrava!»

Senhorita Luciola de Oliveira — Ceará

Eu estava suspenso dos labios de Heloisa. Ella falava como uma torrente, inspirada e nervosa, muito corada, com certo brilho de indignação no olhar.

A' sua ultima phrase, eu repliquei:

— Mas, Heloisa, a belleza e o encanto da mulher repousam justamente nessa meia escravidão, num recato de quasi vestal. Si á mulher fosse dada plena liberdade, essa graça que nos prende, esse rubor e pejo que representam o perfume da flor encantada do teu sexo, desappareceriam para logo, dando logar a essa fria orgia da communhão livre dos sexos, a esse abastardamento da mulher pela facilidade do trato licencioso da vida em commum em todos os ramos da actividade e em todos os logares de sua afeição ou não.

— Tudo isso, obtemperou ella, não passa de theorias absurdas, phrases acalentadoras para suavisarem esta miseravel vida em que nos vemos.

«O *senhor*, como a escrava é bella, não a maltrata, deixa-a em recato, trata-a com algum carinho, conservando-a, porém, sempre presa...

Mas ainda que haja razão no que dizes, o que é certo é que a reclusão em falta de liberdade em que vive a mulher é um tormento. Não é possivel que nós, logo que tenhamos mais um pouco de acção sobre nós mesmas, nos disponhamos logo a perdermos.

Não imaginas que de noites eu passo a meditar na triste situação em que me vejo nesse desordenado anceio de liberdade ou mesmo de emancipação, como queiras, que aspiro para a minha vida de filha de Eva.

Desejaria rir á vontade, divertir-me, entreter as relações que mais me agradassem, ir onde entendesse, sem que lobrigasse sempre a perseguir-mo o olhar suspicaz e severo de um pae ou de uma mãe. Eu sei que elles assim procedem para meu bem, mas é um bem esse que, a meu juizo, se transforma em mal e me tortura. Que me importaria que o mundo falasse, si eu podesse fazer o que me desse na veneta, conservando-me, entretanto, sempre pura? Pois então a pureza só se póde manter com esse regimen despotico em que nossos paes entendem conservar-nos?»

— Só, sim, atalhei eu. Só os paes, mas os que o sabem ser, podem contribuir para a conservação sempre pura de uma alma de

Senhorita Maria Emilia Machado

mulher. Lembra-te de que Victor Hugo escreveu que «nem todas as religiosas do mundo seriam capazes de fazer pelo coração de uma donzella o que faria uma mãe.»

— Sei que não posso discutir comtigo, proseguiu Heloisa, tu tens uns modos de argumentar, pelo menos comnosco que somos fracas em saber, que acabas sempre tendo razão. Mas agora, por mais que tu adduzas, por mais razão que pareças ter, eu continuo a affirmar que ser mulher é uma cousa horrivel, que custa mais isso do que se sacrificar a mulher por amor de alguem.

Quanto mais nós outras ganhamos na civilisação, mais perdemos em liberdade.

Só aquellas que se transviam é que conseguem apparentemente libertar-se, mas de um modo que é mil vezes inferior á nossa actual condição. O que eu desejava é que a liberdade fosse ligada á pureza. Seria difficil chegar-se a esse resultado? Quem sabe? O homem é tão forte!

— Olha, Heloisa, si um dia tiveres a infelicidade de vêr a mulher livre, de vêr proclamada a emancipação tão ambicionada pela loucura de algumas mulheres, em verdadeira luta de concurrencia com o homem, juro que o termo da humanidade ou pelo menos o equilibrio social, não estará muito longe, porque dahi por diante o laço da familia ir-se-á enfraquecendo cada vez mais, sendo tal a anarchia resultante, que determinará uma especie de paralysação nas forças genesiacas do homem, dando logar a um tal abatimento de espirito que a morte será o termo consolador desse futuro sombrio, de que te falo.

Ella sorriu tristemente, murmurando:

— E' possivel que tenhas razão, mas eu preferia não ter nascido mulher.

Eu encarei-a embevecido, a meditar intimamente na suprema ventura que produz no coração do homem um só olhar desse gracioso sêr que não desejava ter nascido com os sublimes encantos com que a natureza tão prodiga fôra em sua formação.

RIBAR.

VOLTA, SIM ?...

Para MIMI

A saudade alimenta a alma mas faz definhar o corpo. E eu definho, ouviste? E todo o meu ser definha desde que partiste. Os meus olhos que tinham a luz casta da felicidade quando tu, doce e apaixonadamente os beijavas, hoje só possuem a luz triste e maguada da saudade que eu tenho de ti!

Porque te foste? Porque te foste? Volta, sim?

Eu estou soffrendo a ancia de querer ser feliz como d'antes, quando conversavamos os dois sentados n'aquelle banco do jardim (o nosso banquinho, como tu dizias, lembraste?) debaixo do arvoredo que oscillava, gemendo voluptuosamente, abraçado pela aragem daquellas noites mysticas de silencio; a tua mão pequenina e branca escondia-se dentro da minha, como uma avezinha se abriga debaixo da aza materna; e tu, te apertando amorosamente contra mim, com os teus olhos claros me fitavas domoradamente, mergulhando a tua alma bem fundo na minh'alma, e dizias, n'uma delicada languidez de sonho:

«Sabes, meu bom amigo? Jámais suppuz que a minha fragilidade de mulher tivesse tanta força para amar como eu te amo; nunca julguei que amar fosse vêr em ti, como eu vejo, tudo de magestoso e bello que Deus creou no mundo: o amôr, o céo, a luz, a benção, a Dôr!»

Ah!... E quando penso que fervorosamente amorosa tu me falavas assim e que hoje sou o exilado dos teus carinhos, ah! eu me afogo então neste martyrio, eu sinto a tortura enervante daquella tarde de ouro de abril em que me deixaste para sempre, daquella tarde de ouro de abril tão cheia de sol... e tão vasia de felicidade!

Mas tu não vens!

Porque te foste? Porque te foste? Volta, sim?

Eu estou soffrendo a ancia de querer ser feliz como outr'ora em que, se percebias a nuven de qualquer magua fazendo sombra no meu rosto, tu te approximavas affectuosa e casta, e tomando a minha mão entre as tuas mãos, indagavas a uma voz cantante de supplica:

— Dize-me, meu bom amigo, o que sentes? Soffres?

E transparecia tão grande doçura no teu olhar e um tão morno carinho n'essas tuas palavras, que eu recalcava aquella nuvem dorida para bem fundo no coração, e deixando nelle um grande espaço, recebia a onda aromal de beijos que tu derramavas apaixonadamente sobre os meus olhos!

Como tu eras boa!

E hoje? Agora não tenho mais o abenço da tua alma para me dar alento; hoje, nesta dolorosa solidão em que me deixaste, nos momentos afflictivos que me surgem na vida, eu, no desespero desta minha immensa saudade, soccorro-me do meu unico e tristissimo consolo: beijo disoladamente aquella ponta de cabellos que me déste um dia e que ainda guardo; beijo, sim aquella ponta encaracolada dos teus cabelos aloirados e que tu gostavas de unir aos meus negros comparando-os, e sorrindo, sorrindo numa alegria de creança, encantada da differença de côr entre elles!

E tu partiste! Porque te foste? Ah! Se tu voltasses!... Volta, sim?

Escuta: Si não voltares, não resistirei mais á amargura destas noites silenciosas e brancas de lua aqui no meu pequenino e desolado castello, cercado pelas altas montanhas e pelo mar que está sempre triste, que todo o dia canta uma saudade mysteriosa!

E as montanhas, então, quando olho para ellas, noite alta, na immensidade calma do luar, parecem-me gigantescas sentinellas a espreitarem a minha dôr, fazendo guarda ás minhas horas de vigilia, arquejantes desta saudade que não morre!

Si não vieres, não resistirei mais, pois tu não imaginas como me esfarrapam dolorosamente a alma estas noites brancas e silenciosas de luar sem a benção da luz dos teus olhos claros pelos quaes eu nas altas madrugadas pergunto ás estrellas.

Tu te compadecias de mim quando eu triste cahia enfermo; pois bem, eu estou doente; sabes de que eu soffro? Eu te digo: da chaga do abandono! Oh! Que triste enfermidade é a chaga do abandono!... Vem curar-me pois...

Tu eras tão bôa!
Porque te foste?
Porque te foste?
Volta, sim?
Não te esqueças das noites brancas de luar...
Ah! Só ellas é que sabem cantar a dôr de uma saudade!

AUGUSTO.

NOTAS MUNDANAS

ANNIVERSARIOS

Em 11 deste mez completou mais uma risonha primavera a senhorita Olga Ziul de Moura Castro, dilecta filha do sr. Augusto de Souza Castro, funccionario publico.

Em 13 do corrente mez a senhorita Floriamenta Miranda, intelligente normalista, filha do major Manahem Miranda, completou o seu anniversario natalicio.

Completa amanhã mais um anno de existencia a gentil senhorita Adalgisa Barcellos que será muito felicitada pelas suas innumeras amiguinhas.

No dia 4 passou o anniversario natalicio da graciosa senhorita Emilia Mello.

O nosso prezado amigo capitão Joaquim de Pinho Bastos, festejou o seu anniversario natalicio no dia 8 do corrente.

Em 28 do corrente mez colherá mais um risonho natal a gentil Mlle. Agenora Fiuza, filha do Sr. Antonio Fiuza Junior, negociante nesta praça.

Completará mais uma risonha primavera, em 29 deste mez, a galante Elza, filha do Sr. Arnaldo da Silva Ramos.

CASAMENTOS

No dia 4 realisou-se o casamento do Sr. Herminio Mandarino com a graciosa senhorita Rosaria Mauro, filha do Sr. Francisco Mauro e D. Virginia Mauro. Foram padrinhos deste feliz enlace o Sr. Ernesto Mauro e sua digna esposa.

Consorciou-se em 20 de novembro Mlle. Augusta Botelho, filha do sr. Augusto Sergio Botelho e d. Candida Olinda das Neves, com o sr. Francisco Bianco.

O sr. Mariano de Alcantara Campos contratou casamento com a senhorita Albertina da Costa Araujo, dilecta filha da respeitavel sra. d. Florentina da Costa Araujo, residente em Bangú.

Senhorita Clotilde Ribas, filha do sr. Capitão Elias Ribas, negociante em Porto Amazonas

O Sr. Dr. Amilcar Teixeira Pinto contratou casamento com Mlle. Barinha Famalicão, filha dos barões de Famalicão.

Circulo Artistico Fluminense

Foi recentemente fundada em Nictheroy uma sociedade artistica sob a denominação de «Circulo Artistico Fluminense».

O Circulo, que promoverá festas de artes, conferencias literarias, concertos, exposições de pintura, esculptura, etc., tem a seguinte directoria: presidente honorario, dr. Octavio Carneiro; presidente, Jonathas Botelho, secretarios, Armando Gonçalves e Edgard Parreiras e thesoureiro coronel Sylvio Lima.

Natal de encantos

VAMOS para as festas do Natal. Vamos celebrar no ritual das nossas doces affeições essa noite repleta de mysticismos, noite de saudades consoladoras pela recordação das éras, que se apagaram com a passagem rapida dos annos. Vamos relembrar as delicias da infancia e da mocidade, — aquellas, vivendo nas doçuras do amor materno, e estas na ebriedade de outros amores, mas todavia na pureza do sentimento, porque o coração nessa noite tem impulsos que fazem a evocação das cousas santas e divinas.

Ahi vem o Natal, como voz de consciencia pura como lampejo de luz serena para nos despertar o espirito acabrunhado pelo embate das paixões más, dos odios que matam as alegrias e perturbam as felicidades, de tudo que, emfim, nos faz esquecer o carinho, a graça, o encanto, todas as affeições que dão vida...

O Natal vem para reviver tudo isso, para a renovação daquelles sentimentos que nos são tão gratos e nos conduzem na estrada da luta quotidiana, dando-nos a serenidade d'alma, a serenidade do coração, a serenidade das nossas aspirações e desejos!

Natal, fonte de sonhos e esperanças, tu és a paz e a felicidade; és a manifestação do amor carinhoso. A tua noite é a harmonia, é o esquecimento, é o perdão. Ella é a vida nos corações dos paes que amam a seus filhos; é a ternura filial; é a união de todos que fazem a permuta de affectos, a troco de carinhos, a sagração da amizade, a perpetuidade do amor em familia.

Deus de bondade, que assignalaste a tua presença real entre os homens, creando o Natal, faze Nataes nos corações petrificados, e dá-lhes a noção do Bem, tu que és o Creador das cousas boas e puzeste nos corações dos homens a bondade, quando os formaste.

Nós te pedimos outros Nataes, como te imploramos outras alegrias, outros prazeres, outras manifestações de sincera amizade.

Permitte que ao teu Natal possamos unir os nossos Nataes de famililia, os Nataes dos filhos, dos amigos e daquellas dedicações, principalmente, que tão perto falam ao nosso intimo...

Eu te bemdigo, Natal de agora, si és o Natal dos meus encantos...

L. DE ASSIS

O RISO

Guy de Maupassant

NÃO sei quantos idiotas têm dito e repetido por estas folhas afóra, pelas obras de folego que se tem á mão cheia despejado neste mundo em summa, por toda a especie de publicação que se tem dado á luz de nossos olhos, que esta vida é uma comedia.

Elles não deixam de saber, elles não podem de modo algum ignorar, não lhes pode ser desconhecido, que, em todos os cantos do universo, em toda a parte que palmilhe a pata humana, se levanta um côro funebre de gemidos dolorosos. A cada passo uma scena de dor vem lancinar a alma d'aquelles que sentem, vem tanger percucientemente as cordas mais sensiveis que harmonisam os grandes corações.

Cada movimento de avanço ou de recúo faz-nos espesinhar, contundir, machucar aquelles que nos seguem ou marcham na nossa frente.

Cada pé que se assenta no solo, pisa pugillos e pugillos de seres mais humildes do que nós.

Em cada volta de um caminho, um mendigo nos estende a mão supplice, pedindo um ceitil para matar a fome. E nós passamos, lançando-lhe ás vezes uma esmola, uma moeda réles, e nem sequer pensamos nos soffrimentos que talvez, ou certamente, estejam cruciando aquella pobre alma.

Mais adeante uma creancinha, delicada e tenra como uma flor que desabrocha de manhã aos beijos do Sol, eleva soluçando as mãos para o céo, impetrando aos poderes maximos de cima, protecção, misericordia, soccorro para sua orphandade desamparada.

Quantas Fantinas não morrem insuladas nalgum catre immundo, despresadas por todos, sem o auxilio, nem siquer de um novo João Valjean!

Quantas filhas de Fantina, atiradas á sargeta infecta das callejas não vagueiam, bestificadas sob o tagante de vis exploradores, e João Valjean não surge das trevas, não esmaga os perseguidores com sua força insuperavel, não as arrebata como o anjo luminoso da bondade atravéz da escuridão da noite, á procura de um pouso cheio de tranquillidade, cheio de pureza e cheio de luz!

E quantas assim abandonadas não vão parar nos humbraes dos porneios horripilantes, não vão bater nos penetraes dos lupanares hediondos, se vão afogar no pantano lutulento da prostituição infame, porque a morte, este outro soberbo João Valjean mysterioso, não as veio deter no declive sobre que descambavam com vertiginosidade!

Enlace Herminio Mandarino — Rosaria Mauro

Aqui, vejo um pae que chora sobre a tumba de uma filhinha, alli, uma pobre mãe lamenta a morte de seu unico filho, devorado nos holocaustos da civilisação estupida dos homens. Acolá, um desgraçado geme a infidelidade da mulher, e além, uma donzella, desgrenhados os cabellos, debruça-se nas barbacans de seu idéal, e de lá assiste ao fanar de sua mocidade e de sua belleza, e seu noivo, seu unico amor não vem, não corre a minorar-lhe as dores da saudade, deixando-se ficar bem longe esquecido das promessas juradas milhares de vezes, ao estalido de innumeros beijos de amor...

E a vida é uma comedia, como dizem estes idiotas, e elles têm toda a razão. Este mundo é um palco roto, a vida uma comedia e desde que eu affirme o mesmo que abrepticiamente affirmam os idiotas, eu tambem não passo de um estolido parvo, um tolo matriculado.

E pouco importa que assim o seja, quando vejo que todos neste mundo somos grandissimos parvos desde os mais enfatuados até aos mais humildes.

E, portanto, si a vida é uma comedia, nós somos os histriões, os jograes. Tratemos, pois, de leval-a á scena como aquelle palhaço da opera, que, tendo o coração a sangrar de soffrimento, sahia

Gentis leitoras do *Jornal das Moças* no jardim da residencia do sr. Manoel Santiago, (o que está a esquerda)

Festa intima no dia do anniversario natalicio da Exma. Sra. D. Thereza Vieira esposa do Sr. Antonio Vieira Junior — Riachuelo

para o trabalho, afim de soltar a sua gargalhada estrondosa com que fazia divertirem-se as turbas, sacolejarem-se as massas num intenso martyrio de alegria.

Não sei bem se foi Victor Hugo que disse: — Si tu soffres, faze de tua dor um poema. Eu diria em logar delle ou daquelle que o disse: — Si tu soffres, faze de tua dor um riso franco. Vae, gargalha, faze vibrar o teu diaphragma ás inspirações e expirações violentas de teus pulmões num frouxo de riso sem limites. Isto é bom porque se communica a todos. O contagio do riso é forte como o typho, mas é bom e salutar. Houve quem desse este conselho:

— Auxiliai-vos uns aos outros.

Eu me julgo a vontade em dizer:

— Fazei-vos rir uns aos outros.

Ride-vos, porque o riso é superior, e o distinctivo de nossa intelligencia. E é assim que se desempenha a comedia. Ai de vós, se gemerdes! Representareis para nós da mesma fórma uma comedia, porque um gemido provoca o contrapeso de uma gargalhada forte.

Afinal de contas, eu mesmo já nem sei o que digo... Fazei, pois, como o entenderdes.

De qualquer fórma, tudo está bom, e sempre sereis bons actores e autores. Deus suicida-se no topo do Calvario, por causa dos crimes da humanidade...

Oh! que sublime humorista!

Shakspeare escreve tragedias cruorentas e pretas. Que pandega chistosa! Ossian chora desabaladamente as suas tristuras, segundo dizem; eu jamais o li.

Deve ser um inolvidavel truão...

E assim todos são excellentes espiritos, que se immortalisaram pela graça, pela alegria. Homens, chorae, que n[illegible] queremos rir. Anda, "ri, coração, tristissimo palhaço"!

GRAZY

Association Polytechnique

Realisou-se no dia 6, no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, a festa organisada pela Association Polytechnique, afim de ser feita a distribuição de premios aos seus alumnos, que mais se distinguiram durante o curso de 1915.

A sessão foi aberta pelo sr. Antonio Ferreira de Abreu, delegado da Association que convidou para presidil-a o sr. coronel Silveira Lobo, consul brazileiro aposentado.

Ao terminar a sessão, foram lidos, pelo sr. dr. Jean Achar, secretario da referida Associação, a carta do ministro da França, sr. Lanel, desculpando-se de não ter podido comparecer, assim como muitos telegrammas de pessoas que não puderam comparecer á reunião.

O acto da distribuição dos premios foi precedido de uma excellente parte litteraria.

Mas vale casar-se

Ha alguns annos, o Dr. Stark, eminente estatistico escossez, chamava a attenção dos scientificos para a observação que tinha feito, depois de estudar dous annos os registros confiados a seu cargo, e sustentava que o termo medio de mortes era muito maior em os homens solteiros que nos casados ou viuvos.

Temos a vista os algarismos de que se servia o sabio para firmar sua opinião, e suas cifras nos dão 626 funeraes por anno em 100.000 pessoas casadas (incluindo viuvos) 20 a 25 annos, entretanto que em igual numero de solteiros da mesma idade, falleceram cada anno 1.231.

Fazendo commentarios sobre estes resultados, dizia o Dr Stark: «que o celibato é mais prejudicial á vida que as mais nocivas profissões ou a residencia em logares insalubres ou doentios.» E este corolario tem sido geralmente acceito, não só pelo publico que com difficuldade põe em duvida o que vem apoiado em algarismos, como tambem por estatisticas de profissões.

Apezar, porém, de tudo, não cremos que os algarismos em questão sejam o bastante para comprovar a asserção. Parece que se deu maior importancia áquella estatistica do que na verdade ella tinha.

Uma das particularidades que suggere o estudo dos algarismos do Dr. Stark é que á medida que a idade diminue, diminue a mortalidade dos casados.

Assim, si dos 30 aos 35 annos é o termo medio de 8,65, dos 25 aos 30 é 8.23 e dos 20 a 25 é de 6.26, do que se póde tirar a conclusão, a qual, em geral se ignora, que o casamento de jovens são favoraveis á longevidade.

Em virtude destes dados, que não ha motivo para pôr em duvida, fica provado que o matrimonio contribue para a prolongação da vida; porém, com um mais lento criterio comprehende-se que o raciocinio em absoluto é um engano. Que se pensaria se, fundando-nos tambem em cifras, fizessemos as seguintes deducções: Tem-se observado que as flôres dos invernadouros, têm um colorido mais brilhante que aquellas cuja existencia se desenvolve ao ar livre; logo os invernadouros contribuem para o colorido das plantas.

Não se póde, portanto, tirar uma conclusão simples dos dados da estatistica, como o fez o Dr. Stark, sob pena de que os mesmos dados nos arrastem para fóra de toda a evidencia.

A nós, pois, as suas observações suggerem qualquer destas duas conclusões: Ou o matrimonio é favoravel (directa ou indirectamente) á longevidade, em grão sufficiente para poder observar a dita particularidade; ou existe um principio em virtude do qual a porção da humanidade que contrahe matrimonio é mais saudavel, e d'ahi o menor numero de mortes; ou finalmente, isto se deve a combinação em proporção desconhecida das causas acima ditas. E esta sem duvida alguma é a verdadeira conclusão. Infelizmente não tem valor algum, a menos que não se descubra a relação que existe entre estes dois citados effeitos.

E' perfeitamente obvio que ainda quando infinidade de pessoas qualificadas como *vidas pobres* pelas companhias de seguros, contrahem matrimonio, na generalidade dos casos se contam nas mais saudaveis de nossa população, e o celibato como regra geral está reservado ás naturezas rachiticas e enfermas.

E' outro facto de observação confirmado sufficientemente, que aquelles individuos que se dedicam a profissões nocivas ou arriscadas ou aquelles que vivem em estado de indigencia, ou ebrios consuetudinarios, etc., figuram em proporção muito limitada nos matrimonios em relação ás demais classes da sociedade.

E' uma evidencia que a pobreza influe notavelmente na diminuição dos matrimonios, como o matrimonio por sua vez contribue a por em actividade todos os recursos da industria do homem, desde o momento em que, augmentando-se as necessidades, se duplique a nossa energia, qual se fosse ella resultado inevitavel da lei da conservação das especies.

Por outra parte, desde o momento em que um homem tem familia, que depende para sua subsistencia do seu trabalho, esse individuo é mais solicito em conservar sua saude. D'aqui vem que, nas emprezas arriscadas existem menos numero de casados e que seja um principio admittido que a vida de um homem casado é de mais valor que a de um solteiro.

Assim, pois, refutando como o fazemos, a conclusão em absoluto do Dr. Stark, podemos com tudo acceitar como elle nos disse, que a estatistica ha tornado saliente e feito realçar uma das primeiras leis naturaes reveladas ao homem, a saber, que não é conveniente que o homem viva em celibato.

Enlace Herminio Mandarino — Rosaria Mauro. Senhoras e senhoritas presentes ao acto

SONETOS

AMOR DE PALHAÇO

Ao Pereirinha.

Hontem viu-se-lhe em casa a esposa morta
E a filhinha mais nova tão doente !...
Hoje o emprezario vae bater-lhe á porta,
Que a platéa reclama impaciente...

Ao palco em breve surge... pouco importa
O seu pezar áquella estranha gente,
E ao som das ovações que os ares corta
Tregeita e canta e ri nervosamente.

Aos applausos da turba, elle trabalha
Para esconder, no manto em que se embuça,
A cruciante angustia que o retalha.

No emtanto, a dor cruel mais se lhe aguça,
E emquanto o labio tremulo gargalha,
Dentro do peito o coração soluça...

D. PAQUITO.

APOTHEOSE...

Para o talento admiravel de Hermes Fontes.

Flores de meu paiz, hortos alcantifados,
Açucenas, jasmins, lirios, violetas, rosas,
Boccas de fulvo mel, essencias olorosas.
Nivea espuma do mar, curvae vossos condados !

Curvae-vos, alvoradas e astros constellados,
Magestatico azul e dryades formosas...
Curvae-vos rouxinóes — larynges sonorosas —
Crepusculo e luar, plenilunios doirados !...

Poetas, regorgitae ! o Bello é uma verdade.
Olhae-o, a refulgir, em plena puberdade,
Cornucópia mental dos sectarios de Apollo !

Curvae-vos, é mistér ! Assetina-te, sólo,
Que a obra-prima do Além, á humanidade alheia,
Olha, fala, sorri, vive, é mulher... amei-a !...

EUGENIO SIMPLES.

A. MERCEDES

Olhei-te um dia, ó santa. E tu tambem me olhaste.
Eu senti, tu sentiste o mesmo amôr infindo ;
Eu sorri, tu sorriste e no teu rosto lindo,
Duas rosas ideaes, rubras, apresentaste.

E um mundo venturozo eu sonhei, tu sonhaste ;
Meu coração por ti, santa, pulsou sorrindo,
E as mesmas pulsações teu peito foi sentindo,
Logo eu te captivei e tu me captivaste.

E assim vamos nós dois sonhando um roseo ideal...
E quanto é bom, meu anjo, assim do amor captivos,
Vivermos, minha flor, num sentimento egual ?

E assim vamos nós dois vivendo de illusões...
Os meus olhos nos teus olhos meditativos,
Sentindo em cada peito haver dous corações !

LUIZ CARDOZO DE SOUZA.

ODIO

Resposta a uma carta

Se o sentimento puro, o que em meu peito impera,
— Antes de amor eterno em carcere pequeno...
Ancioso como alguem que ser feliz espera —
Tivesse a maldição do pulchro Nazareno...

Pudesse eu transformar meu coração em féra
Contendo cada fibra o mais lethal veneno,
Em furia transmutar a dor que o dilacera,
Fitando esse rival impavido e sereno,

Emfim... tudo que é mau, perdido, miseravel,
Impuro, negregado, estupido e execravel !
Podesse eu, só, juntar numa prisão sombria !

Depois chumbal-o alli, matando-o dia a dia !
Seria mesmo assim bem fraca recompensa
Ao ciume Infernal desta paixão immensa.

PIERRE LUY.

ALVORADA

Quando surge no leste, o sol nascente
De luz banhando os montes, as campinas,
O espaço immenso, o rio transparente,
O nenuphar de fórmas peregrinas,

Desprende-se das flores purpurinas
Brando perfume, calido, innocente ;
E de rubras papoilas campezinas
Bordam-se os prados magestosamente.

Borboletas em bando multicores
Volitam loucamente sobre as flores,
Ebrias da pompa sideral d'aurora !

Tudo palpita pelo espaço em fóra !...
Pelo arvoredo canta a passarada,
Saudando, jubilosa, a madrugada.

AMELIA NAPOLI.

OUVE :

Meu coração sensivel, indeciso,
Para o amor que aniquila e revigora,
Pódes crêr, que sorri quando é preciso,
Quando é preciso, pódes crêr que chora.

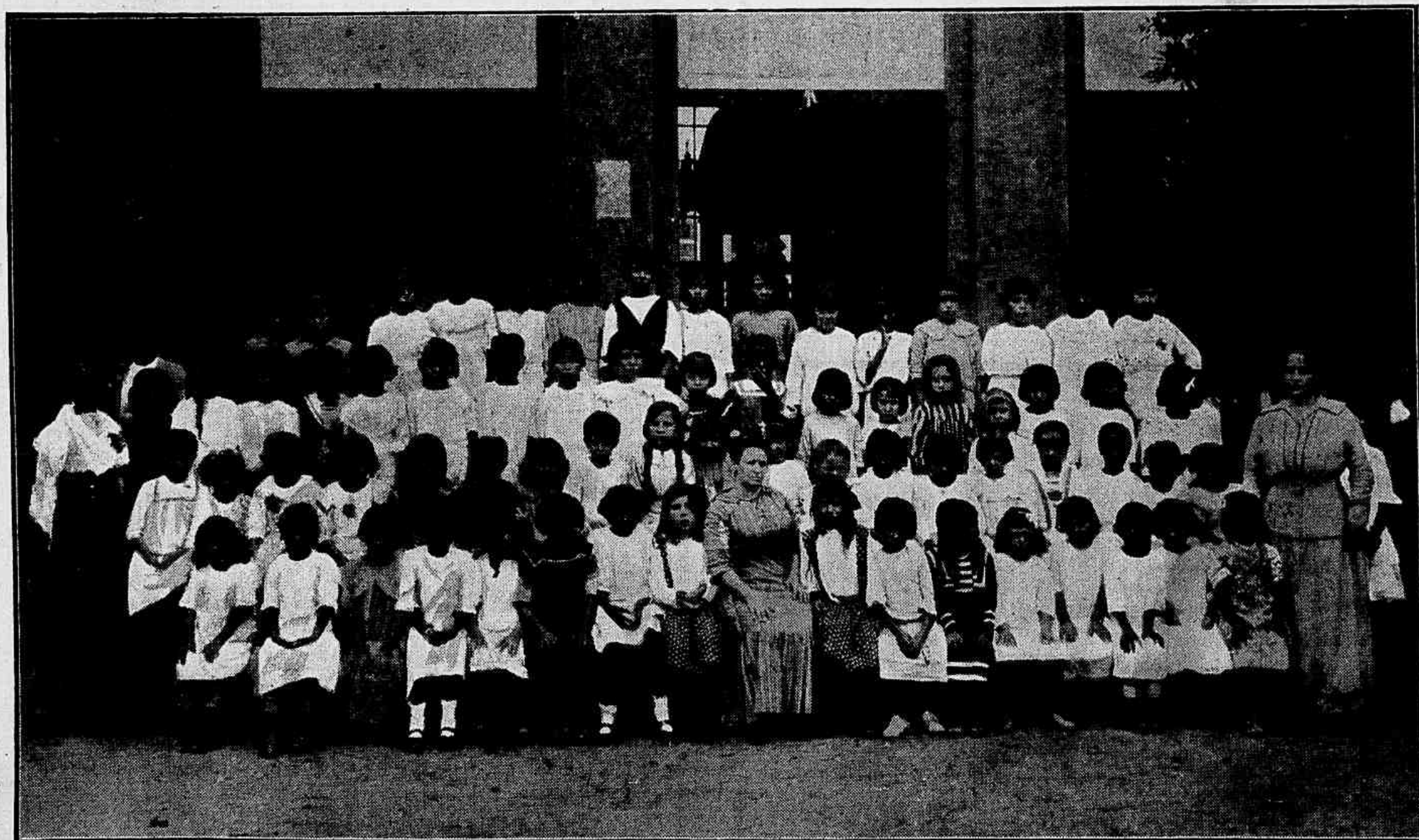
A decantar o amor que immortaliso
Vou desta vida pela estrada a fóra ;
Quem me odeia ha de ter o meu sorriso,
Ha de ter o meu sorriso quem me adora...

Illudir só procuro a quem me illude.
Si o meu amor é a minha hypocrisia
A hypocrisia minha é uma virtude.

Amor... fala-me assim meu coração :
— Para as mulheres todas — a ironia,
Para o amor das mulheres — a traição.

ANTONIO DANTAS BITTENCOURT.

1ª Escola Feminina do 17º Districto -- Bangú

* * *

Grupos de alumnas tendo ao centro a illustre directora D. Angelina Bellorta Moreira

MODAS E MODOS

PELA observação dos ultimos figurinos chegados de Paris já se póde fazer uma ligeira idéa das modificações proximas das modas.

Ha uma tendencia muito favoravel aos modelos *tailleur*, os casacos um pouco mais compridos e as saias largas.

O casaco solto, está completamente fóra de moda.

Continuam em voga as rendas de Alençon, de Chantilly, Valencianas, de Venesa incluindo as chamadas filetes sendo empregadas nas toilettes de jantar, ceromonia e theatro nas gollas zunnifes camesinhas ou blusas, usando-se tambem os galões-soutache nos vestidos genero *tailleur* e nas jaquetas.

As pelles estão em grande moda nos paizes frios, mas como aqui raramente sentimos frio, não sendo preciso fazer-se uso de tão lindos adornos, aconselhamos ás nossas leitoras o «écharpe» feito de seda rodeado de arminho, o qual lançado sobre os hombros, deixando cahir as compridas e largas pontas sobre o vestido, dá á toilette muita graça e ao mesmo tempo tem a vantagem de servir para a sahida de um theatro ou de um baile e para preservar o pescoço da humidade do ar.

Tambem estão agora em uso os chales, entre os mais artisticos adornos para uma toilette de noite.

Estes chales são presos por traz das costas e nos lados por laços de gaze cor de ouro.

Quanto aos chapéos não temos moda fixa definitiva; deve-se usar o que mais convier a physionomia, tal è a extraordinaria variedade de modelos que não é possivel fazer uma descripção de todos.

Estão muito em voga os modelos *canotier* e os kepis, sendo guarnecidos de pennachos aigretes, pennas, plumas e chrysantemos.

As cores modernas são cinsento, azul marinho, azul pastel, seda vermelha e preta, e verde rezedá.

Ultimo modelo de Paris, em tulle branca, a saia curta composta de tres volantes plissados

A Historia do Espartilho

Muita gente suppõe que o espartilho é uma exigencia relativamente recente da moda.

Enganam-se redondamente. Já o velho Homero cantava o espartilho ou... cousa semelhante, na sua *Illiada*.

Por elle sabemos que Juno, querendo subjugar Jupiter, pediu emprestado a Venus o cinto com que esta fazia realçar a belleza de suas fórmas.

As gregas, Phrynéa e Sapho, sob tunicas de ricas telas, usavam o *Siróphion*, rico cinturão bordado a ouro e perolas preciosas. Tambem se usavam o *anamaskalis* e a *zona*. As romanas empregavam o *cestus*, o *capitium* e as *fascia*. Estas se conservavam ainda no paiz de Arles.

Os colletes de barbas de baleia vieram depois, inventados por Isabel de Revera. Nessa época usavam-se a «vasquinhas» e os «guarda infantes». Maria de Medicis era apaixonada por este ultimo.

O espartilho de barbas de baleia soffreu um interregno durante a Revolução Franceza, restauradora e protectora da moda grega. Mas em 1869 foi sempre exagerando a sua fórma oppressora e a sua armação de baleia, com grave detrimento da saude.

Hoje, o espartilho é um recurso torturante e indispensavel das elegantes, contra o qual já se formaram porém, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, ligas femininas, que, aliás, bem pouco têm conseguido.

Blusas e vestidos muito elegantes para senhoritas

ELEGANCIA E SIMPLICIDADE

Costume para passeio, em sarja fina azul marinho, saia curta a *godets*.

Graciosa *toilette* em foulard de seda, marquisette ou cassa suissa floristada; cinto de setim preto.

Vestido para passeio, em taffetá, corsage simples abotoada ao lado, cinto de côr, com fivella.

Blusas chics e saias modernas

Janoca Accioly Cavalcanti e Hercilia Ribeiro e Silva, constantes leitoras do *Jornal das Moças*, residentes em Rio Largo, Alagôas

Cartas de Amor

Querida:

MAIS uma lagrima de dôr verti na torva existencia minha de Sentimentalista, desde que tu, com essa extranha crueldade propria do teu ser bizarro e lindo, me escreveste dizendo que todo esse amor que nos une ha tanto numa communhão religiosa e bemdita, todo esse amor terminára, acabára como terminam e acabam as desconhecidas historias tristes dos corações que se amam muito. Ainda conservo na mente acabrunhada as phrases fataes com que tu amarguraste para sempre a minha vida inteira. Na minh'alma de triste ainda perdura a dôr immensa que a tua carta veio trazer ao meu coração eternamente desgraçado, eternamente infeliz.

Nunca mais á tardinha, na hora suave e meiga do crepusculo, iremos, eu e tu, de mãos dadas e sorrisos nos labios, contemplar a agonia do sol no horizonte dourado pelos ultimos raios do astro rei, do fulgurante astro...

E o teu perfil de grega, eu nunca mais divisarei illuminando com sua graça e candura a agonia do meu sêr exotico de infeliz e soffredor...

E a minha vida, d'antes repleta de sorrisos e alegrias, a minha vida será uma saudade eterna d'um tempo que passou, uma lagrima dorida derramada na dôr que me acabrunha...

E os teus olhos, esses olhos scintillantes como as emoções que vibram em minh'alma num anceio louco; esses teus olhos, cujo pallor semelha uma agonia dentro de outra agonia, nunca mais sentirei pousar nos meus olhos baços de noctambulo da Vida!

E os teus labios, essas sangrentas flôres dos desejos, que me avivaram sempre rubros poemas de amor e de alegria, nunca mais beijarei numa commocção apaixonada...

E ficarei mais profundamente triste do que era outr'ora... e clamarei na grande noite tragica da dôr que te amei um dia com um amor de um allucinado... de um maldito... de um desgraçado...

E eu sei que hei de soffrer as torturas medonhamente horriveis das grandes afflicções...

Mas eu sei que amanhã, lembrando-te d'este infeliz que murmura nos paroxismos da loucura um nome repleto de evocações sublimes, voltarás, voltarás ao regaço amado...

Eu sei que amanhã, arrependida de teres sido tão má para o teu pobre apaixonado, para o teu sonhador, que te ama com o amor que se consagra ás grandes perfeições, tu, que ainda possues um coração onde só se abriga a bondade, virás trazer com a graça de tua silhuêta gentil um consolo para o teu poeta que, em silencio, recorda illusões fanadas, uma vida feliz, uma alegria extincta.

Vem, querida, dar um pouco de alento e animo a quem soffre muito e muito cá de longe, sosinho na sua dôr, sosinho na sua magua... rememorando hymnos de amor e de alegria, inspirados por ti, que és a minha vida, que és toda a alegria verdadeira de minh'alma sombria, de minh'alma eternamente enamorada de teus olhos seductores, de teus labios ardentes, de tua bocca vermelha, de teus cabellos negros, de teu semblante radioso e lindo!...

Do teu RAPHAEL.

A' Emma.

BUSCANDO o azul da phantasia, minh'alma vaga de chimera em chimera, até perder-se no oceano da duvida! Estrellinhas que brilhaes, semelhantes a alfinetes de ouro pregados em almofada de seda azul, qual de vós marca meu destino? Será aquella de brilhante luzir, ou aquella outra quasi apagada, de intermittente brilhar? Futuro, incertesa que nos leva a esperar eternamente por um bem ás vezes nunca realisado... barco ao léo dos sonhos, será bonançosa a tua viagem? — Quem sabe?... Si pudessemos levantar uma ponta da immensa cortina do destino, que nos occulta o pouco que havemos de gozar, o muito que devemos chorar, recuariamos de horror! porque bem poucos seriam os momentos de prazer que lá haviamos de ver. Deus, com sua bondade suprema assim quiz: a surpresa da desgraça nos faz soffrer menos, a felicidade inesperada parece-nos mais risonha; e assim do berço ao tumulo esperamos indefinitamente!...

AIRAM.

O MENINO CHAFARIZ

Francisco Escudero

PIANO

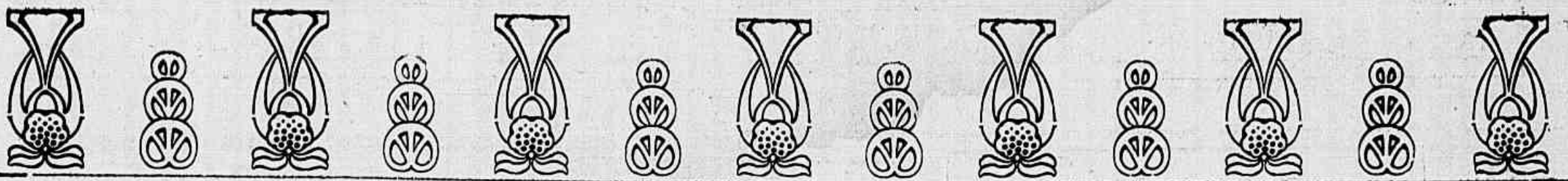
POLKA

F mf. F mf. f. mf.

f. 1ª 2ª

cresc.......... f.

1ª 2ª f. mf.

mf.
f.
mf.
f. FIM
PP
P
PP
f.
D. C. ao 𝄋

MALDITA GUERRA

A' meu noivo

PARTISTE emfim para esta guerra mais pavorosa que todos os cataclysmos que devastaram este mundo. Foste em defesa da patria opprimida pelas hordas estrangeiras, ao appello de teu rei e teus irmãos. Fizeste bem? fizeste mal? não sei. O certo é que comtigo foi meu coração, toda a minhalma, os roseos sonhos de minha mocidade.

Maldita guerra que ensanguenta o mundo, producto do orgulho, da ambição dos potentados á supremacia das coisas terrenas. De ti só póde vir a destruição, a ruina, a orphandade e a miseria. Quando olho para a antiguidade e pela minha imaginação vejo perpassar as phalanges guerreiras dos antigos povos, luzidios exercitos innumeraveis, guerreiros celebres, nações poderosas, cidades soberbas onde a ostentação, riqueza e luxo deslumbraram a humanidade antiga, quando procuro nas nevoas da historia descobrir a soberba Babylonia, cidade dos sonhos orientaes, das purpuras, dos perfumes, dos jardins grandiosos, quando procuro Carthago a invicta e bellicosa, Carthago dos guerreiros intemeratos, quando procuro Roma dos cesares, cidade grandiosa, cenaculo de todas as sublimidades do mundo antigo, o que vejo? Ruinas, montões de pedras archeologicas, phantasmas de granito enegrecidos e carcomidos pela acção do tempo, perdidas nos vastos desertos arenosos da Azia e Africa como necropoles das gerações que se foram.

Não posso comprehender, meu adorado noivo, que um espirito como o teu, tão crente, tão religioso, um coração tão amoravel e bom, nutra sentimentos guerreiros. E' com a maior dor dalma que te vejo num campo de batalha, envolvido na espessa fumarada dos canhões, por entre o canglor dos clarins, a explosão das granadas, ouvindo o gemido dos que cahem varados pelas balas assassinas, tu, empunhando uma arma homicida fumegante, com o semblante contrafeito pelo odio, escalando um rochedo abrupto, no meio de todo o perigo, para arrancar a vida de teu semelhante, um pae querido, um esposo adorado, um noivo como tu talvez. E' horrivel.

No emtanto, eu que te conheço, sei que tens um coração magnanimo uma alma cheia de ternura e bondade, alma dos eleitos do Senhor. Lembro-me tanto, aqui, junto de mim, aos domingos na nossa igreja da Gloria, nos dois tão felizes e contentes, tu com o olhar velado pela prece, muito attento e humilde, ajoelhado sobre o altar da Virgem, eu unindo minha oração á tua, toda orgulhosa de ti, tão differente dos doudivanas irreverentes que me cercavam, sim, tinha orgulho de ti pelos teus sentimentos religiosos e por isso te amava cada vez mais, mesmo porque tu amavas tambem aquella que sobre o altar, coroada de luz, cheia de gloria, magestade e puresa, nos contemplava e abençoava.

Rosinha Meliga, filha do Snr. José Meliga Filho

No emtanto partiste para tão longe, para morrer talvez, e eu aqui fiquei triste e abandonada sem mais ninguem por mim a não ser a Santissima Virgem da Gloria que olha para mim com o mesmo carinho de mãe extremosa.

Aos domingos, como antigamente, com o coração ferido de morte, com a alma traspassada de dor e de saudade, eu me arrojo a seus pés com os olhos em pranto, na supplica mais ardente e fervorosa, imploro por ti para que o anjo da paz vele por ti e me restitua aos teus carinhos.

PALMYRA DE ALMEIDA.

O sr. Simão Patricio, provecto pharmaceutico em Areia, Parahyba do Norte, sua digna esposa, sua irmã e gentis filhos

SUSPENDEREMOS a remessa do "Jornal das Moças" aos srs. agentes que até 31 do corrente mez não saldarem seus debitos. Os nossos leitores ficam previnidos de que a ausencia desta revista em algumas localidades será devido a este motivo.

O Jornal das Moças não tem agente viajante.

A'S MOÇAS

ADMIRANDO a calma confiança da mulher moderna, queridas leitoras, relativamente á emancipação, só tenho uma cousa a lamentar: a pyrrhonica convicção de que devemos imitar a desenvoltura das filhas dos ambientes estrangeiros.

Agora, o americanismo fervilha com a feição caracteristica do exotismo, do original, do extravagante emfim. Não posso supportar semelhante artificio; é-me summamente antipathico.

Tenho a impressão de que somos destituidas de intelligencia, obrigadas a nos cingir a todas as loucuras estrangeiras, para alcançarmos um *logarzinho* entre o pseudo-magnifico cortejo do *bom tom*. E' a nossa natural indolencia que nos força á semelhante reducção, relativamente ao gosto apurado que symptomatize reflexos de arte.

Para mim, já está cacete este negocio de apologias a tudo quanto é estrangeiro — cacete e ridiculo. E' uma impertinencia minha, cuja intensidade é igual a força com que a maioria das jovens tentam parecer nascidas em outro continente sobretudo. E' uma piéga esta imitação a todo o transe. Abandonemos tudo isso; ponhamos em pratica as nossas idéas, os nossos projectos de arte revelando-nos capazes de crear e de admirar sem a gesticulação dos basbaques.

* * *

Apezar do nosso paiz ser dotado de tantas maravilhas, noto que o clima das cidades atrophia — a parte feminina da mocidade.

A maioria das jovens é de aspecto definhado, parecendo candidatas á tuberculose ou sob o terrivel mal chlorotico. Não concordam commigo, queridas meninas?

Acho que é esse o motivo capital do estabelecimento da *maquilagem*. Por isso, admiro não existir ainda um meio de cura trazido de outros paizes.

As medidas therapeuticas poderiam fazer muito, mas... a crença nas *aguas abençoadas* e, o terror que infundem os nossos medicos, paralysam a saude. Dahi a enormidade de jovens franzinas, symptomatizando a plastica doentia, apenas disfarçada, á custo, pela supremacia do artificio.

E' doloroso isso. Em compensação, temos as senhoras já maduras, candidatas á obesidade, no supplicio de conter, entre as barbatanas do espartilho, o ventre volumoso, como a ostentação de perenne *ascite*...

Emquanto as matronas encolhem o ventre, as jovens, como que desoladas — deixam-se pender para deante, como flores atrophiadas, sem ar e sem luz, na miseria duma decadencia precoce. Ha uma feição de desalento na maioria dellas e, confesso, tenho pena.

O movimento, os exercicios methodicos talvez fossem os unicos meios de cural-as. E os *sports* quem sabe? os *sports* salutares? Não seriam mal empregados com o auxilio dum regimen severo e constante. A creação de clubs femininos, exclusivamente femininos, moralisados, rigorosamente estabelecidos, onde esses *sports* podessem, pouco a pouco, restaural-as, talvez fosse esplendido.

Mas não, isso é uma idéa que me passou, por alto muito de leve, sorrateira mesmo, pois, nesses clubs, estou certa, seriam admittidos rapazes, e, as meninas desprezando o rigor regulamentar, terminariam na mesma, cultivando apenas um unico *sport* que lhes não dá muito trabalho, podendo ser exercido em qualquer ambiente: o *flirt* !...

Infructifera como é, a minha idéa, volto eu a meditar sobre a allucinação do mimitismo e as physionomias chloroticas das nossas jovens.

Pensem tambem nisso, minhas queridas leitoras, e tentem um meio de salvação. Será uma prova de patriotismo, garanto.

* * *

Seriam capazes, queridas leitoras, de conseguir bom exito applicando estas regras na vida?

Creio, não arrepender-se-iam; eil-as:

1° — Pensar no trabalho unicamente, porque só o proprio trabalho poderá constituir a principal diversão.

Senhorita Maria Sampaio

A distincta professora, Mlle. Esther Mergulier

2º — Falar dos outros bem ou mal comsigo mesma, porque será um dia um verdadeiro espirito observador; ter raras amigas.

3º — Ouvir as lisonjas com impassibilidade.

4º — Abominar a affectação, caminhar serena sem se fazer notada propositalmente, para poder melhor observar.

5º — Desviar-se do *flirt* cacête que nada adeante na vida que se considere bom ou notavel e amar intelligentemente.

6º — Rir-se pouco; evitar a gargalhada, principalmente a que irrita os neurasthenicos.

7º — Procurar o convivio com os bons livros si poder comprehendel-os, dando actividade ao espirito e sendo feliz nas meditações.

8º — Não repetir nunca as phrases espirituosas dos outros, si não poder crear uma.

9º — Respeitar os velhos, protegel-os quando possivel.

10 — Desconfiar dos corcundas, sem molestal-os,

11 — Ter a convicção de que não é amada quando sentir que ama devéras.

12 — Ser carinhosa e cordata com o esposo si este fôr bom; propôr-lhe serenamente o divorcio se fôr máo...

13 — Não contrahir nunca segundas nupcias.

VIDETTE

Combater o analphabetismo é dever de honra de todo brazileiro, por isso nos devemos filiar a Liga Brazileira Contra o Analphabetismo.

RECUERDO...

CONHECI alguem que tinha uma gargalhada tão bonita, tão unica, que, de longe, eu, ouvindo-a, sabia que elle estava alli.

Era uma gargalhada sonóra, franca, inteira, igual, ardente, joven, fresca, irresistivel... E esta pessoa quando ria assim, atirava a cabeça para traz deixando sahir o riso que vibrava largo tempo depois ainda no ouvido, encantando o silencio que a seguia...

Vejo-o tão bem! Os cabellos negros e ondeados sacudiam-se em mechas revoltas, deixando á nu, a testa morena e sonhadora. A bocca abria-se, bem feita, abria-se franca, retorcendo os negros bigodes na gargalhada que sahia alegre e sonóra...

Era o unico, entretanto, que ria assim, deixando resaltar a jovialidade de seu genio.

E quando eu ouvia aquelle riso repercutir na vasta sala, não podia deixar de dar-me volta, e sempre encontrava aquella cabeça morena atirada para traz, tão expressiva, inteiramente entregue ao prazer do riso!...

Quando eu vinha ainda longe, quantas vezes aquellas notas claras e vibrantes me faziam estremecer... E eu parava então, e attenta, presa sem o querer, escutava a vibração daquelle riso que ficava largo tempo no fundo de meu sêr inteiro, deixando-me completamente esquecida de tudo pelo encanto que delle se desprendia!...

E agora, quantas vezes me parece que vou ainda ouvir resoar sonóra, em qualquer logar onde estou, aquella gargalhada! Sinto-me estremecer como então... Paro.., Escuto... E' uma illusão! E' no fundo de meu coração que vive aquelle riso, é no no meu pensamento triste que elle solta seu vôo, riso de um coração viril, repleto por demais e que esfusiava pelos labios afóra como um inebriante canto feliz,

Ficas na minha vida como uma nota vibrante e saudosa que jámais voltará a repercutir no meu caminho... gargalhada querida!

MARGARIDA.

Escola Complementar do Bangú

Grupo de professoras e adjunctas, vendo-se ao lado e de pé o nosso illustre amigo Edgar Chaves

PAGINAS INFANTIS

NATAL

Céo de lua, chão de flores,
E o grito do sino, além,
Chama os magos e os pastores,
As fadas e os trovadores,
Que de toda parte vêm.

Num esplendor de bonança,
Como um anjo tutelar,
Aos velhinhos e ás creanças,
Tanto e tão núa! — das franças
A «Branca» tem a cantar...

Que, dir-se-ia, aos quatro ventos
Da terra, vindos dos céos,
Para nos seccar os prantos,
Baixaram todos os santos,
Todos os anjos de Deus!

Noite de amor e folia!
Noite de sonho e prazer!
O campo, como de dia,
Cheio está da vozeria
Da creançada a correr!

E, na vastidão nocturna
Dos descampados azues,
Abre-se a tectrica urna
Da vasta lenda soturna
Dos inimigos da cruz.

Ha feiticeiros que dansam
A' fria luz do luar,
Cavalheiros que não cansam,
Dragões que coriscos lançam
Da torva guela sem par!...

E lendo a lenda povoada
De millenarias visões,
O vulto idéal de uma fada
Vae de pousada em pousada
Encantando os corações.

Mugem rebanhos e gados...
Rufam adufes febris...
Os carros de bois, pesados,
Rangem nos lombos roçados
Dos enormes alcantis...

E como uma estrella de ouro,
A cabana de sapê
Abre no resvaladouro
Um longo reflexo louro
Que de uma legua se vê...

E, diante do leito lindo
Do pequenino Jesus,
As visitas que vão indo,
Voltejam cantando e rindo,
Quaes borboletas á luz...

Somem-se os reis, os pastores
Que vieram de Belém;
Com elles vão-se os rumores...
Da aurora aos tibios fulgores
Cantam os gallos, além...

ALBERTO SILVA.

NATAL

Natal approxima-se. Approxima-se o Natal festejado pelos ricos, pelos pobres, e pelas meigas creancinhas. E com elle vêm as férias, a folga aos collegiaes; e tudo, tudo chega com o dia de Natal.

O mundo, o Universo em peso, rejubila-se com esta chegada, e festeja este dia tão bello, dedicado ao meigo Nazareno que nasceu em um logarejo tão pobre, tão simples como elle.

Dia festivo, que traz ás nossas almas descrentes, qualquer cousa de agradavel, e esperançoso.

Talvez, quem sabe? uma felicidade inesperada.

Como eu te recordo saudosa, Natal do meigo Jesus!

Quando minha mãesinha querida ainda existia, como eu te festejava, como eu te queria então, quanta ventura, quanta, tu trouxeste á minha alma de creança, e como me povoaste o coração de crenças!

Mas eu te quero ainda muito, muito ainda te adoro, como quero e adora as creancinhas louras, e meigas, como o meigo Nazareno!

Vem, vem Natal querido, trazer ao meu coração a alegria que eu sentira outr'ora, dissipa a tristeza da minh'alma, mostra-me um sorridente futuro emanado de bellas crenças.

Barbacena—Dez. 1915

ADELIA VEIGA RODRIGUES.

Natal do Orphão

Aquelle bello Estado lá do Norte
Que tem por capital a Fortaleza,
Foi agora assolado com dureza
Por terrivel flagello, irmão da morte.

E' bem de lastimar tão triste sorte
E apesar dos soccorros com prestesa
Recebe a triste esmola com frieza
Esse povo que outr'ora era tão forte.

Não, que o dinheiro não mitiga dôres
Tendo perdido os seus progenitores
Não ha consolo p'ra tão grande mal.

O pobre orphão sente-se isolado
E, lembrando esse tempo já passado,
Quanta saudade agora em seu Natal!

RENY

Senhorita Aura Jopper — Senhorita Jandyra — Senhorita Constança — Senhorita Arteobella Frederico

Conto de Natal

Para a intelligente Cacilda

Cahia a tarde.

O sol declinava lentamente no horizonte deixando cahir sobre a terra o crepusculo.

O sino da capellinha branca e modesta de S. José tocava a Ave Maria. Pouco a pouco o crepusculo se estendeu, a noite cahira de todo.

Na alcova, sentada no collo da vóvó, estava a pequenita Eglantina de cinco annos de idade, que entre sorrisos infantis estendia os bracinhos nús em volta do pescoço da avó e insistia que lhe contasse a historia do Natal.

A janella aberta deixava penetrar inebriantes perfumes que se desprendiam das flores do jardim e a lua clara, melancolica, pallidamente illuminava a alcova.

A netinha continúava:

«Vamos, vóvó, conta a historia.»

A avó beijando-a nas faces, começou:

--«Era vespera de Natal.

Aguinaldo, uma loura creança de oito annos, brincava no jardim, e se entretinha a correr atraz das borboletas.

De repente, viu approximar-se um pobre velho de longas barbas cor de neve, que estendeu a mão e lhe disse:

—«Dai-me uma esmola, meu menino, tenho muita fome e não tenho si quer um pedaço de pão.

Arlette, dilecto filhinho do sr. Joaquim Carvalho Freitas commerciante em Taubaté, S. Paulo

O nosso amiguinho Delmar Madeira Vidigal

Aguinaldo olhou-o compadecido e, sem hesitar, correu a buscar a moeda de ouro que recebera como premio na escola, deu-a ao velhinho e cobriu-lhe de beijos as myradas mãos.

Deus ficou tão contente com a nobre acção de Aguinaldo, que na mesma noite lhe enviou os mais custosos brinquedos e os que o menino mais desejava, pois, Deus adivinha os nossos pensamentos...

Ah! vóvó! Si Deus é tão bom assim, eu tambem vou ficar muito boasinha, não hei de mentir nem pedir nada á mesa, para que no dia de Natal, em vez das amendoas e bombons de todos os annos, tornar ver a mamãe. Coitadinha!

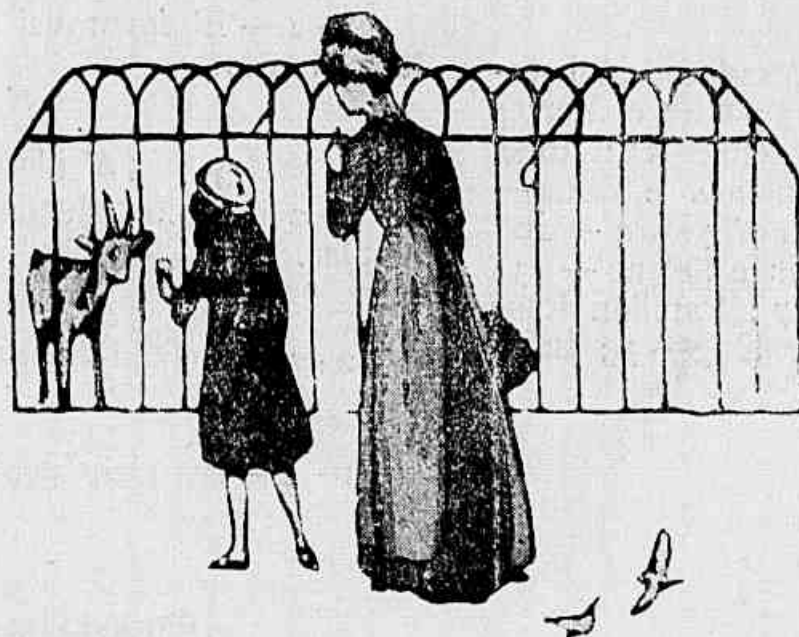
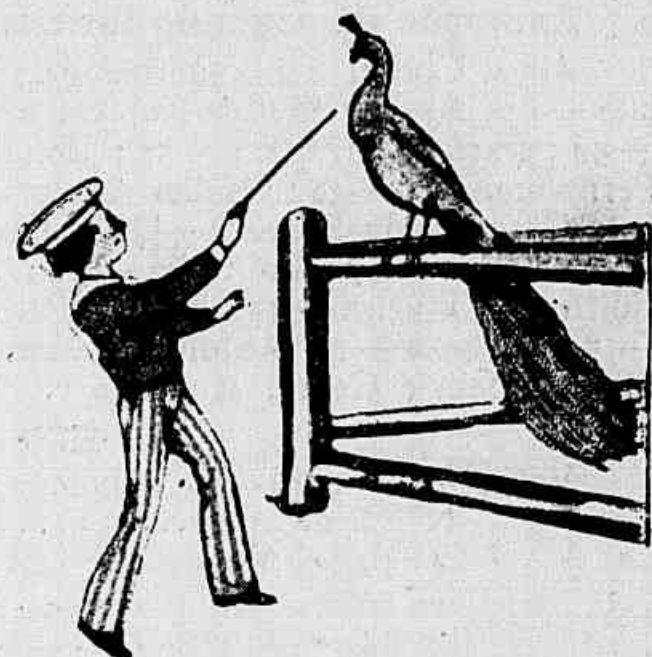
Está dormindo no chão táo frio! Oh! como hei de ficar contente vendo a mamãe!

A avó não pôde articular uma só palavra; beijou a cabecinha loura de Eglantina e deixou cahir grossas lagrimas sobre os cabellos da innocente.

A pequenita, afagada pela avó, em pouco tempo, dormia-lhe nos braços, talvez sonhando com o seu ideal a — mamãe querida.

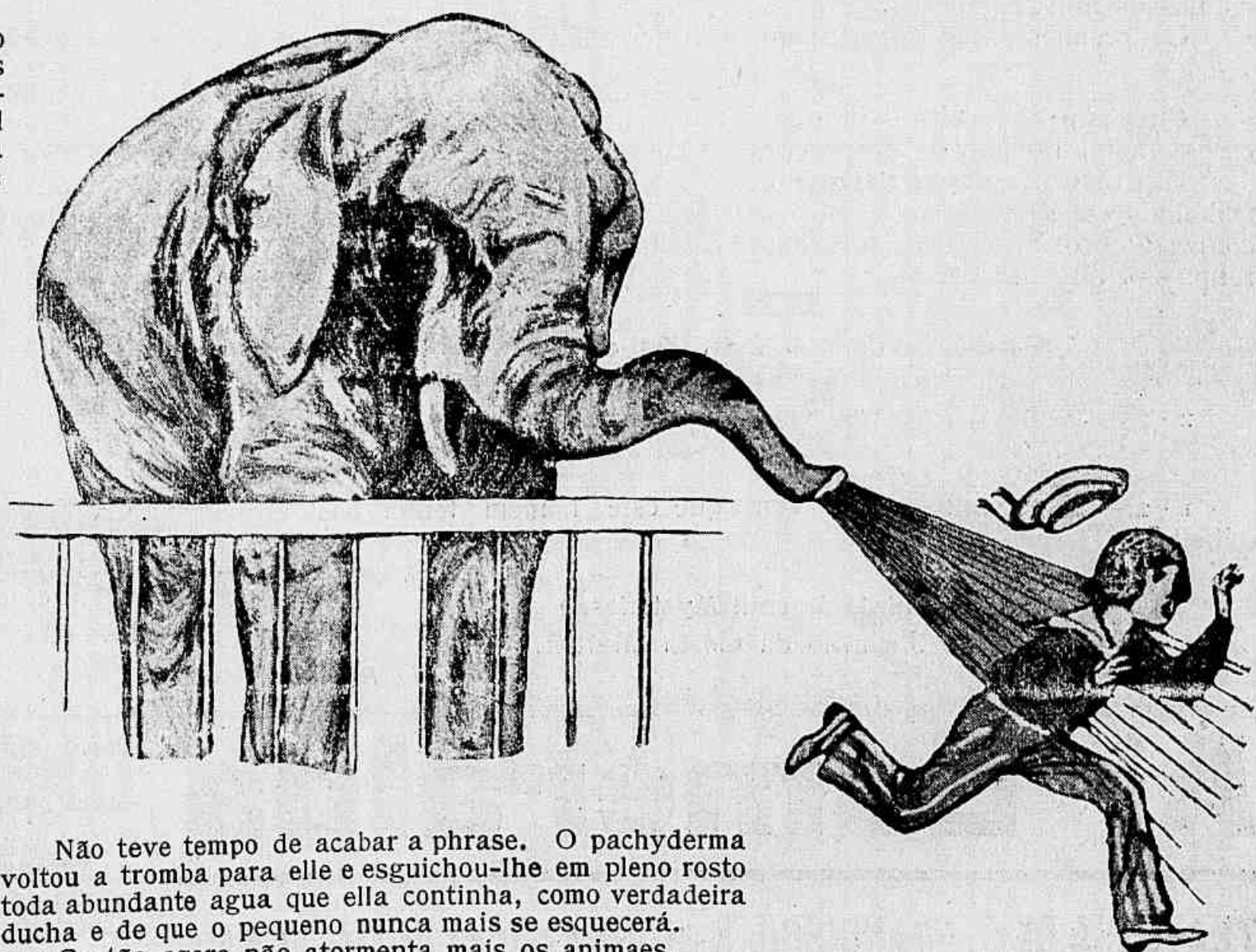
CAMELIA RUBRA.

No Jardim Zoologico

A pequena Luiza foi ao Jardim Zoologico com seu primo Gastão. A criada, que os acompanhava, comprou um pão para cada um delles distribuir com os animaes.

Luiza, que é uma boa menina, partiu o seu pão e deu-o generosamente aos pedaços aos animaes; mas Gastão não trata senão de reinar com os pobres bichos.

Emquanto sua prima estende um pedaço de pão a uma cabra, Gastão bate no pavão com sua fina bengala e joga pedras nos passaros.

Agora é commigo ! grita Gastão. Toma, meu velho, eis o que trouxe para ti ! E fere a tromba do elephante com um grosso alfinete que tirara do vestido da prima. Esta ficou indignada com a malvadez do primo.

A criada e Luiza censuram-n'o muito por isso, mas elle não faz caso. Eil-os em face do elephante. Luiza estende-lhe um pedaço de pão que o animal recebe delicadamente, come-o e volta com a tromba para ver si recebe mais.

„O elephante sacudiu a tromba encolerisado, voltou-se depois e foi mergulhar a tromba no seu tanque d'agua. «Oh ! como elle bebe ! como elle bebe !» gritava Gastão. Vê alli, priminha...

Não teve tempo de acabar a phrase. O pachyderma voltou a tromba para elle e esguichou-lhe em pleno rosto toda abundante agua que ella continha, como verdadeira ducha e de que o pequeno nunca mais se esquecerá.

Gastão agora não atormenta mais os animaes.

TORNEIOS CHARADISTICOS

Apuração do segundo torneio:

Ailez, Colibri, Chrysanthéme d'Or, Euterpe, Menina de Chocolate — 60 pontos; Garota Nonicia e Junulino — 57; Clio e Mercês — 54; Farfalla Azzurra — 52; Roitelet e Verda Stelo — 51; Rosa Pernambucana — 48; Isabel Aguiar — 46; Melpomenes e Zilda — 40; Carolina da Fonseca — 39; Pasquinha — 26; Mystica — 20; Mlle. Alzira — 17; Santinha — 16; As tres graças e Selene — 13; Edith de Oliveira — 15; Ivna e Paulina Rubio — 7; Papillon Rose — 5; Singella — 4; Antonietta Mandarino e Mar Dag — 3; Bellinha, Violeta e Celina Muniz — 1.

Votação dos melhores trabalhos:

Nº 26	de Ailez	86 votos
» 59	» Menina de Chocolate	39 »
» 12	» Colibri	26 »
» 44	» Euterpe	19 »
» 55	» Chrysanthéme d'Or	17 »
» 45	» Rosa Pernambucana	15 »
» 51	» Carolina da Fonseca	9 »
» 53	» Singela	8 »
» 39	» Garota Nonicia	7 »
» 57	» Junulino	6 »
» 8	» Pasquinha	5 »

Houve empate entre as destemidas collegas Ailez, Colibri, Chrysanthéme d'Or, Euterpe e Menina de Chocolate.

Como no torneio passado, a que primeiro enviar-nos todas as soluções deste numero será a vencedora em primeiro logar, e em segundo, a que após a primeira tambem envial-as.

Quanto ao melhor problema publicado neste torneio, obteve maior votação o da distincta collega Ailez, que num soneto maravilhoso de Baptista Campelli soube enfeixar as pedras para a bellissima solução: — Osculo lhano e ethereo, que teve o seu problema sob nº 96.

Distinguiram-se ainda neste torneio as illustres charadistas Colibri e Chrysanthéme d'Or, que foram as vencedoras do primeiro torneio; Ailez, que no torneio passado obteve o terceiro logar, applicou-se de tal maneira e com intelligencia e admiravel força de vontade, que brilhantemente se collocou em logar de destaque neste torneio; noviças, mas denodadas charadistas Euterpe e Menina de Chocolate iniciaram-se com galhardia e gloria extraordinarias; e com esmerada applicação, coragem e constancia todas as demais collegas brilharam neste nosso parnaso elegante e florido. A todas os nossos agradecimentos.

Os premios serão opportunamente offerecidos.

Quarto torneio — Premios ás duas decifradoras que alcançarem maior numero de decifrações e á autora do melhor trabalho.

Premios extraordinarios — A's autoras dos melhores trabalhos em segundo e terceiro logares: meia duzia de caixinhas do perfumoso, aromatico, persistente e delicioso pó para perfumar a roupa — EDEN FLORAL.

Problemas ns. 41 a 49

Charadas novissimas

2-2 — Senhora, a fluctuar vejo-a e a luzir e a brilhar lá no alto.

Zalair.

1-2 — Meu santo, fazei com que este homem tenha boa colheita.

Mimi.

(Retribuição á gentil Mysteriosa)

2-1 — Monsenhor Jacintho da Costa Mattos.

Noemia B.

1-2 — Falta alguma cousa para a sepultura ser aposento?

Verda Stelo.

1-2 — Valle muito a cor desta planta.

Balbina Garcia da Silva

1-2 — E' favoravel a sebe de espinhos para mascarar a peça de artilharia.

Chrysanthéme d'Or.

(A' gloriosa Rosa Pernambucana)

2-2 — O fim de um governo maltrapilho só com a revolta popular.

Cycy.

2-2 — Deixou-lhe defeito a doença por ser muito tagarela.

Santinha.

1-2 — Estudei, porém zangava-me se avistava uma mulher

Mlle. Alzira.

Problemas ns. 50 a 54

Charada casal

2 — Ella é substancia
Por todos apreciada;
Elle faz parte da fructa
Gostosa e procurada.

Colibri.

Pergunta enygmatica

(A' M. d'Angouléme)

Ser delfino um bom defunto
Affirmo-lhe com um adeus;
Agora diga: qual o sujeito
Que foi flagello de Deus?

Menina de Chocolate.

Charadas em metagramma

4-2 — Epoca desta planta.

Ailez

4-3 — Este limpido homem é natural da Palestina.

Losy (do Olympique Trio)

Charada syncopada

3-2 — Logo ou amanhã irei a Bahia.

Nininha

CORRESPONDENCIA

Asiel — Pedimos solução dos problemas que nos enviastes.

Mercês e *Cycy* — Recebemos as soluções.

Mlle. Alzira, Chloris, Colibri, Nininha, Arlinda Lima, Olympique-Trio, Mimi, Chrysanthéme d'Or, Ruth Villa Flor, Maluquinha, Esmeralda e *Verda Stelo* — Recebemos.

Pequitita — Sobre o assumpto de que trata a vossa ultima carta, é favor enviar-nos cópia do trabalho.

Leduc — Onde ficou a Gaby? Si os dous se juntassem aqui, a nossa secção mudaria de scenario...

Inscripta com todo apreço.

Recebemos a segunda carta.

Violeta — Sois bastante distrahida! Esquecestes tambem da solução do enygma!

Souci, Noemia B. e *Mysteriosa* — Recebemos.

Alvaro Silva — Podeis encontrar-me aqui ás quintas e sabbados, das 15,30 ás 16 horas.

Errata. — As syllabas do problema n. 18 são (3) 2-2.

Orama

COUPON
Torneio charadistico para moças
Voto no problema n.º
....

COUPON
Torneio charadistico
para moças.
15—12—915

Correspondencia do JORNAL DAS MOÇAS

PEREIRA BASTOS — Está regular o soneto *Tetrico Noivado*, quanto á metrificação e disposição das rimas, mas inspiração fraca e pouco original.

JOSE LOPES RIBEIRO — Muito longo o seu trabalho *As Lagrimas* para o espaço disponivel.

JUREMA ROCHA — Pode mandar que será publicado com grande satisfação.

LUCIA — Publicaremos a sua phantasia.

ARCHIMINO CAIO (poeta solitario) — Preferimos que o bom amigo mande outro soneto para ser publicado com a photographia; *Eu não te quero mais*, não é, a nosso ver, producção litteraria para ser acompanhada da photographia. Já temos publicado versos melhores de sua autoria.

MARCELLINO F. — Escreva outro postal com mais cuidado e elegancia de estylo, para que a *sua* Carlinda fique satisfeita.

A. FIGUEIREDO — Só depois de melhorado poderá ser publicado o soneto que nos mandou.

ABIGAIL GOMES — Estamos muito gratos á gentileza da sua delicada cartinha e com muito prazer publicaremos os seus trabalhos. A traducção que nos mandou é conto pouco interessante e um pouco longo, por isso, não publicamos. Vemos que V. Ex. conhece bem as linguas franceza e portugueza, assim, si quizer concorrer para abrilhantar as paginas desta modesta revista, mandenos o seu endereço que nós com satisfacção lhe mandaremos alguns trabalhos em francez para V. Ex. traduzir.

MARIA LUIZA — Impossivel publicar os seus versos com aquella dedicatoria.

JUQUINHA — No hospicio ha gente com mais juizo...

NINI L. — O livro *O que uma moça precisa saber para casar*, fará successo, pois é cousa completamente nova e muito interessante, pode ser lido por qualquer senhorita, não contem uma phrase, uma palavra, uma idéa que possa ferir a mais delicada susceptibilidade. Será publicado em janeiro.

PARA evitar interrupção na remessa desta revista, as assignanturas que terminam em 31 do corrente mez devem ser reformadas até essa data.

O "Jornal das Moças" não tem agente viajante; os pedidos de assignaturas devem ser feitos directamente á administração.

DE TUDO UM POUCO

As mulheres mais felizes que os homens

Segundo um prof. hollandez, as mulheres são muito mais felizes do que os homens. Esta affirmação que o professor deduz de seus profundos estudos sobre o caracter feminino funda-se, na sua opinião, em que o homem necessita, para ser ditoso que lhe succeda alguma cousa que o faça feliz, ao passo que a mulher só por lhe não succeder nada mau já se considera ditosa. Isto resalta, no dizer do sabio professor, do facto da mulher não ter tão desenvolvido, como o homem, o sentimento da responsabilidade.

O que peza gravemente sobre o espirito do homem e o põe taciturno e inquieto não exerce na mulher senão uma influencia momentanea.

A mulher — accrescenta — é incapaz de comprehender a significação dos acontecimentos, e por isso considera as cousas com maior ligeireza do que o homem.

O girasol

As plantações do girasol teem um poder desinfectante assombroso. Esta planta é originaria do Perú, e para enaltecer-lhe a importancia tem-se dito que a sua utilidade é maior que a de todo o ouro que teem produzido as minas daquelle paiz.

Além do inapreciavel bem de purificar a atmosphera, o oleo abundante que se tira das suas semente é excellente para a illuminação, pois dá uma luz brilhante.

E' um elemento precioso para o homem, para todos os animaes.

No dia em que a gordura animal for substituida, nos temperos, pelo oleo de azeitona ou de girasol, desapparecerão muitas doenças devidas ao uso da banha de porco.

Do residuo da semente, extrahido o oleo, faz-se uma farinha que, misturada com o trigo em partes iguaes, serve para fabricar pão e bolacha, sãos e nutritivos.

As folhas constituem um bello alimento para as aves, cavallos e carneiros.

As carnes de todos estes animaes, que se alimentam com o girasol, melhoram em gosto, em tudo, porque a planta lhes communica suavidade, sabor e cheiro aromatico.

A haste ou o residuo do girasol é um excellente adubo para a terra, pois que produz humus o mais a proposito para a vegetação.

Todos que andam ao par dos conhecimentos e progressos actuaes, hão de ter tido occasião de inteirar-se dos ensaios feitos repetidas vezes por homens competentes em França, Belgica, Italia, Hollanda e Estados Unidos da America do Norte.

Tem-se comprovado até a evidencia que, plantado o girasol em grande quantidade nos logares insalubres, dessapparecem completamente as emanações nocivas e os miasmas paludosos, e immediatamente se tornam salubres esses logares e suas immediações.

Porque não estão os nossos campos e os nossos jardins profusamente cobertos e esmaltados dessas corollas de ouro?

O alcance da memoria

A memoria humana é muito mais extensa no que concerne aos nomes technicos ou profissionaes, do que no que se refere aos simples vocabulos.

Uma creança de dois annos retem 500 palavras; um adulto póder servir-se de 20.000.

Mas entre os homens de sciencias citam-se casos maravilhosos: assim o professor As-a Gray póde, segundo affirma elle, lembrar-se dos nomes de 25.000 plantas. Os Brahmanes recitam, palavra por palavra os dez mil versos do *Rig Veda* que durante seculos, foram assim transmittidos, oralmente, de geração em geração.

Os chefes polynesianos podem repetir de memoria milhares de nomes proprios, referentes á sua genealogia, ascendentes e collateraes.

E' commum o caso, nem por isso menos digno de nota, de musicos capazes de tocar durante um dia inteiro, sem outro auxilio sinão a sua memoria os mais difficeis trechos de musica e de maestros que dirigem numerosas operas, inteiramente de côr.

As Esmeraldas

A esmeralda é, depois do diamante, a mais cara das pedras preciosas.

A sciencia a considera, simplesmente, como um «silicato natural de aluminio de glycienium», que tem como colorante «o oxydo de cromo», mas desde remotas épocas, essa pedra representou immenso valor na vida.

Os antigos a consideravam como a mais bella das gemmas e celebrisaram as que eram extraidas das legendarias minas de Kosseir, proximas ao monte Kabara.

O diadema de Salomão, o sabio, tinha no apice uma esmeralda e o Summo Pontifice tem em sua triplice corôa papal, uma das mais bellas esmeraldas do mundo, quasi igual aquella que, segundo Plinio, Nero utilisava como monoculo.

Por causa de cinco esmeraldas que levara da America e que a esposa de Carlos V. cobiçou, Fernando Cortez viu prejudicada sua carreira de conquistador aventureiro.

Os occultistas attribuem á esmeralda as propriedades magicas de facilitar os amores, conceder o dom da adivinhação, calmar os epilepticos e os possessos e denunciar os crimes contra a castidade, partindo-se ou perdendo a côr.

Os ingenuos e os poetas dão-lhe o valor de um symbolo — a Esperança.

Os joalheiros lhe dão tudo isso e mais um alto valor.... em moeda corrente.

RECEITAS

Costelletas de Carneiro A' Madrilena

Toma-se uma porção de costelletas, separadas umas das outras, mettem-se dentro de uma terrina, salgam-se e põe-se um dente de alho em cima de cada uma, pimenta e acamam-se. Depois deitam-se-lhes dois decilitros de vinho branco e deixam-se estar por espaço de duas horas. Faz-se em seguida um refugado de cebola salsa picada em azeite ou manteiga, e deitam-se nelle as costelletas, pimentão vermelho em tiras, e deixa-se refugar bem; em o molho estando bem apurado, servem-se com puré de batatas e azeitonas.

Sopa com leite e ovos

Fazei ferver uma garrafa de leite com um bocado de assucar e sal, tendo já preparado em uma terrina fatias de pão torrado, bateis 4 ou 6 gemmas de ovos, derramai-as no leite, de modo que se não talhem, despejai esse leite sobre o pão e mandai á mesa que está prompto.

Paulistas

Escaldam-se 2 colheres de fubá de milho com meio kilo de banha fervendo. Quando estiver morno ajuntam-se uma chicara de polvilho peneirado e 2 ovos; vae-se amassando com leite até ficar em consistencia de formar bolhas e põe-se um pouquinho de assucar, que não fique muito doce. Enrolados em folhas de bananeiras, vão ao forno brando.

Belleza Feminina

O progresso das civilisações pode ser aferido pelo desenvolvimento das artes que haurem o melhor das suas inspirações na belleza da mulher.

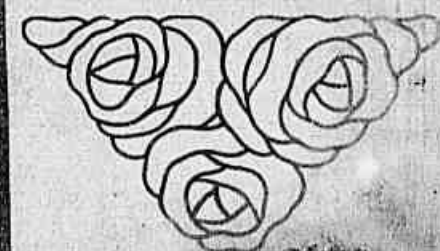
A arte grega, a mais elevada do espirito humano, associou á formosura feminina a poesia e os esplendores de um verdadeiro culto; e as grandes almas romanas, que em poemas e telas immortalisaram a belleza, mais não fizeram que divinisar a mulher.

Assim, pois, a cultura da belleza é de todos os tempos brilhantes da humanidade e de todos os paizes de civilisação esplendente.

Modernamente, é nos Estados Unidos que a cultura do bello feminino attingiu ao maximo da perfeição. Cuida-se alli da mulher como da flôr. A epiderme da norte-americana *chic*, pelo tratamento a que se submette, é delicada como uma petala. A Europa já está se assenhoreando dos processos *yankees* para conservação da maciez, suavidade e colorido da pelle feminina.

Urge adoptar, entre nós, esses progressos artistico-scientificos que tanto contribuem para aprimorar a belleza da mulher.

A's senhoritas e senhoras elegantes do Rio, que desejarem alcançar o que, com tanta perfeição, foi conseguido pela mulher norte-americana, transmittimos a grata noticia de que esta capital vae ter, brevemente, a cargo de uma distincta senhora Norte-Americana, um verdadeiro Instituto de Belleza, apparelhado do que ha de mais adiantado na Grande União do Norte em estabelecimentos desse genero.

A Directora e Proprietaria desse estabelecimento será Mme. Georgette, a quem, desde já, se podem dirigir as interessadas á rua Carvalho Monteiro, 55 — Phone 3617 Central.

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 16 A 31